

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

O MUSEU ESCOLA MEMORIAL DA BALAIADA E O ENSINO DE
HISTÓRIA: Identidades, História local e formação de consciências históricas em
Caxias/MA

PATRÍCIA SILVA SANTOS

São Luís
2021

PATRÍCIA SILVA SANTOS

**O MUSEU ESCOLA MEMORIAL DA BALAIADA E O ENSINO DE
HISTÓRIA: Identidades, História local e formação de consciências históricas em
Caxias/MA**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História da
Universidade Estadual do Maranhão com
vistas à obtenção do título de Mestre.

São Luís
2021

Santos, Patrícia Silva.

O Museu Escola Memorial da Balaiada e o Ensino de História: identidades, história local e formação de consciências históricas em Caxias/MA / Patrícia Silva Santos – São Luís, 2021.

92 f.; il.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST), Universidade Estadual do Maranhão, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro.

1. Ensino de História. 2. Guia Educativo. 3. História Local. 4. Museu.
5. Consciências Históricas. I. Título

CDU: 069.12:94(812.1Caxias)

PATRÍCIA SILVA SANTOS


**O MUSEU ESCOLA MEMORIAL DA BALAIADA E O ENSINO DE
HISTÓRIA: Identidades, História local e formação de consciências históricas em
Caxias/MA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Maranhão com vistas à obtenção do título de Mestre.

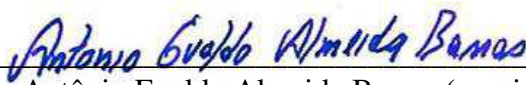
Orientador: Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro

Aprovada em: 27/07/2021


Banca Avaliadora:



Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro (orientador(a))
(PPGHIST/UEMA)



Prof. Dr. Antônio Evaldo Almeida Barros (arguidor(a))
(PPGHIST/UEMA)



Prof. Dr. Wheriston Silva Neris (arguidor(a))
(PPGS/UFMA)

Prof^a. Dr^a. Sandra Regina Rodrigues dos Santos (suplente)
(PPGHIST/UEMA)

Ao Deus Eterno, em quem está depositada a minha fé.
A minha família: mãe, pai, filhas, companheiro e irmãos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me conceder capacidade de sonhar, projetar e realizar.

À minha família pelo incentivo a buscar concretizar meus planos e alcançar objetivos, pelo apoio e compreensão por nem sempre poder dar atenção devida. Gratidão, queridas filhas - Pâmela Rute, Paloma Raquel e Paola Micaele - obrigada por acreditarem em mim! Ao meu companheiro e parceiro de vida, Antonio Marcos Costa. A minha mãe Delzimar Lopes, por me sustentar com suas orações, e ao meu pai Alcides Cesar, que, mesmo sem ter formação escolar, sempre me incentivou na minha vida acadêmica.

Minha gratidão se estende aos demais familiares e amigos (as), obrigada pelas palavras de ânimo e orações!

À minha tia e amiga Rosane Lopes, mulher que me inspira e me encorajou a cursar o Mestrado.

À Prof^ª. Mercilene Barbosa Torres, por me atender sempre com muita gentileza e disponibilidade.

Ao Prof. Dr. Wheriston Silva Neris, pela orientação no primeiro momento desta jornada.

Ao Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro, que, antes de se tornar meu orientador, já me incentivava a seguir na jornada acadêmica, quando me encontrava nos corredores do Centro de Estudos Superiores de Caxias - CESC/UEMA.

Aos(as) colegas de turma pela troca de experiências e convivência agradável, de forma especial, a Lindalva Correa, Carla Miranda e Antonio Marcos Lemos – amizades construídas nesse percurso.

Aos funcionários da Casa do Educador (onde ficávamos hospedados), dos quais destaco Poliana e Fátima, que mais que nos receberem, nos acolheram de forma carinhosa.

Ao Prof. Dr. Alan Kardec Gomes Pachêco Filho, ao Prof. Dr. Fábio Henrique Monteiro Silva, ao Prof. Dr. Yuri Michael Pereira Costa e à Prof^ª. Dr^ª. Carine Dalmás, pelas reflexões e orientações durante o tempo em que ministraram as cadeiras as quais cursei no Mestrado.

À coordenação do PPGHIST-UEMA e seus funcionários.

A todos e todas que me incentivaram e apoiaram.

Minha gratidão não se limita a essa conquista, permanecerei grata!

“Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico”

(FREIRE, 2002)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal a apresentação do guia educativo resultante da problematização dos limites e potencialidades da construção de narrativas históricas para formação de consciências e identidades, tendo como espaço empírico de observação as experiências práticas do Memorial da Balaiada e a produção do conhecimento histórico local na cidade de Caxias, Maranhão. Assim, ao explorar a história, as experiências práticas e as avaliações subjetivas de atores institucionais, foi possível criar as bases para a proposição de um produto didático-pedagógico, direcionados aos visitantes, alunos e professores que acessam o Memorial da Balaiada, com a intenção de promover reflexões e ações concernentes ao papel do saber histórico e seu lugar social na contemporaneidade. As principais bases teóricas do trabalho estão assentadas sobre a discussão recente acerca da produção do conhecimento histórico e seu papel para a formação de identidades, narrativas e memórias sociais. Para tanto, a pesquisa recorre a estratégias metodológicas variadas, tais como: análise de documentos institucionais, exploração de ações e a realização de entrevistas com atores institucionais pertencentes ao universo em pauta. A reflexão sobre os modos de representação pública das identidades e memórias sociais produzidas pelo Memorial da Balaiada, por meio de suas narrativas, constitui um modo eficaz de problematização de experiências, redefinição de estratégias didáticas para o ensino de história local e produção de novos modelos pedagógicos que recolocam o lugar do historiador e da importância da formação de consciências históricas críticas no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Ensino de História; Guia Educativo; História Local; Museu; Consciências Históricas.

ABSTRACT

The main objective of the present work is the presentation of an educational guide resulting from the problematization of the limits and potentialities of the construction of historical narratives for the formation of consciousness and identities, having as an empirical space of observation the practical experiences of the Balaiada Memorial and the production of local historical knowledge in the city of Caxias, Maranhão. Thus, by exploring the history, the practical experiences and the subjective evaluations of institutional actors, it was possible to create the basis for the proposition of a didactic-pedagogical product, directed to visitors, students and teachers who access the Balaiada Memorial, with the intention of promoting reflections and actions concerning the role of historical knowledge and its social place in contemporaneity. The main theoretical bases of the work are based on the recent discussion about the production of historical knowledge and its role in the formation of identities, narratives, and social memories. To this end, the research resorts to various methodological strategies, such as: analysis of institutional documents, exploration of actions, and interviews with institutional actors belonging to the universe in question. The reflection on the modes of public representation of identities and social memories produced by the Balaiada Memorial, through its narratives, constitutes an effective way of problematizing experiences, redefining didactic strategies for the teaching of local history and producing new pedagogical models that reposition the place of the historian and the importance of the formation of critical historical consciousness in the contemporary world.

Keywords: History Teaching; Educational Guide; Local History; Museum; Historical Consciousness.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Art. - Artigo

BNCC – Base Nacional Curricular Comum

CEB - Câmara de Educação Básica

CESC – Centro de Estudos Superiores de Caxias

CF – Constituição Federal

CNE – Conselho Nacional de Educação

EMC – Educação Moral e Cívica

ICOM – International Council of Museums (Conselho Internacional de Museus)

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MA - Maranhão

MG – Minas Gerais

OSPB – Organização Social e Política Brasileira

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PPGHIST – Programa de Pós-Graduação em História

RJ – Rio de Janeiro

UEMA – Universidade Estadual do Maranhão

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
(Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES, IMAGENS E TABELAS

Imagem 1: Entrevista a Diretora do Memorial.....	17
Imagem 2 – Igreja de São Benedito	41
Imagem 3 – Complexo Memorial da Balaiada Foto Aérea	44
Imagem 4 - Memorial da Balaiada e Líderes Balaios	45
Imagem 5 – Memorial da Balaiada e Ruínas do Quartel	45
Imagem 6 – Busto de Luís Alves de Lima e Silva na Praça Duque de Caxias	46
Imagem 7 – Imagem 1 Analisada na Micro-oficina	53
Imagem 8 – Imagem 2 Analisada na Micro-oficina	54
Imagem 9 – Capa do Guia Educativo Narrativas do Memorial da Balaiada	55
Imagem 10– Roteiro de Visita ao Memorial da Balaiada: Área Externa	59
Imagem 11 – Roteiro de Visita ao Memorial da Balaiada: Área Interna	59
Imagem 12 - Capa: Para o(a) Professor(a)	68
Imagem 13 - Imagem para Análise – Memorial da Balaiada e Líderes Balaios	74
Imagem 14 – Imagem para Análise – Busto de Luís Alves de Lima e Silva na Praça Duque de Caxias	75
Imagem 15 – Imagem para Análise: Casa de taipa do balaio – interno e externo	76
Imagem 16 – Imagem para Análise: Sala de Estar da Elite Caxiense no Século XIX...76	
Figura 1 – Narrativa Histórica – John Rusen	25
Figura 2 – Passado – memória: museus	27
Figura 3 - Roteiro de Visita ao Memorial da Balaiada: Área Interna	60
Figura 4 – Antes da Visita	70
Figura 5 – Durante a Visita	71
Figura 6 – Depois da Visita	72
Figura 7 – BNCC – História (8º ano Ensino Fundamental)	74
Figura 8 – Merci	79

Figura 9 – Sereia Prasilina	79
Figura 10 - Cena da Lenda do Senhor do Engenho D'Água	80
Figura 11: Fique sabendo.....	80
Tabela 1 - BNCC – História (8º ano Ensino Fundamental)	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 - A CONSTRUÇÃO DO SABER HISTÓRICO NA RELAÇÃO MUSEU E ENSINO DE HISTÓRIA	19
1.1 MUSEU E A CONSTRUÇÃO DO SABER HISTÓRICO: refletindo sobre identidade, memória e consciência histórica.....	19
1.2 ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA LOCAL: a educação patrimonial através da relação museu e escola.....	28
CAPÍTULO 2 - A RELAÇÃO MUSEU E ENSINO DE HISTÓRIA EM CAXIAS – MARANHÃO.....	41
2.1 CAXIAS – PRINCESA DO SERTÃO MARANHENSE	41
2.2 MEMORIAL DA BALAIADA.....	43
CAPÍTULO 3 - O PRODUTO PEDAGÓGICO: GUIA EDUCATIVO.....	50
3. 1 MICRO-OFICINA: PROPOSTA LEITURA DE IMAGEM – LUÍS ALVES DE LIMA E SILVA X MEMORIAL DA BALAIADA.....	51
1	
3.2 GUIA EDUCATIVO – Narrativas do Memorial da Balaiada: proposta Metodológica.....	57
7	
3.2.1 ESTRUTURA DO PRODUTO PEDAGÓGICO: Guia Educativo – Narrativas do Memorial da Balaiada.	59
3.2.2 COMO FICOU ESTRUTURADO O MATERIAL?.....	59
3.2.3 MAPEANDO ESPAÇOS E NARRATIVAS:.....	62
3.2.4 NARRATIVAS DO MEMORIAL DA BALAIADA E A HISTÓRIA DE CAXIAS	67
3.2.5 PARA O(A) PROFESSOR(A).....	70
3.2.6 SUGESTÃO DE LEITURAS E MATERIAL DE APOIO.....	79
3.2.7 FOTOGRAFIAS E ILUSTRAÇÕES	79
3.2.8 SEÇÕES DISPONÍVEIS NO GUIA	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84
ANEXOS	88

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal a produção de um guia educativo resultante da problematização dos limites e potencialidades da construção de narrativas históricas para formação de consciências e identidades, tendo como laboratório de observação as experiências produzidas a partir do Memorial da Balaiada, fundado em 2004, e do conhecimento histórico sobre cidade de Caxias, Maranhão. Assim, nos dedicamos a explorar a história, as experiências práticas, os projetos executados e as avaliações subjetivas de atores institucionais do Museu Memorial Balaiada, a fim de discutirmos a elaboração do saber histórico e como este contribui para o enraizamento “nas necessidades sociais para orientar a vida dentro da estrutura do tempo” (RUSEN, 2006, p. 8).

O texto está dividido em três capítulos. O primeiro está orientado por uma abordagem mais teórica, construída a partir do estudo bibliográfico sobre as categorias propostas e da consulta a documentos que regem a educação brasileira, problematizando o saber histórico a partir das suas diversas formas de representação e conexões com a discussão sobre memória e identidades. Do ponto de vista prático, a estruturação dos subtópicos obedeceria à seguinte sequência: primeiramente introduzindo o debate sobre saber histórico, identidade e memória; em seguida, a discussão sobre as relações entre História Local e Ensino da História, conceitual e legalmente, explorando os vieses interpretativos, suas potencialidades e suas conexões com a questão da educação patrimonial como parte do processo de ensino-aprendizagem histórica; por fim, o último capítulo discorre a respeito da prática e da didática na história, com foco sobre as discussões recentes propostas na esteira de Jorn Rusen, notadamente quanto ao papel público que este saber teria para a formação de consciências históricas críticas.

O segundo capítulo assumirá uma dimensão mais diagnóstica centrada na instituição em pauta desta dissertação – o Museu da Balaiada – localizado na cidade de Caxias, Maranhão. A pesquisa no Memorial da Balaiada foi duramente afetada pelo contexto pandêmico em que nos encontramos, mas focamos na exploração de sua gênese e das narrativas que constroem sobre a história local. As estratégias metodológicas consideradas mais adequadas a essa intenção tem consistido basicamente na exploração de documentos institucionais, seus acervos e lógicas de exposição, projetos

implementados e na realização de entrevistas com agentes culturais responsáveis, bem como os que ocupam cargos de gestão institucional.

A exploração das narrativas construídas pelo Memorial da Balaiada, as experiências e projetos, as avaliações subjetivas e propostas dos próprios agentes atuantes no espaço recortado encontra-se conectada a produção de um material didático, processo a ser tratado no terceiro e último capítulo desta dissertação. Em certa medida, temos tido a impressão de que o problema quanto à discussão das relações entre museu e escola, não resulta apenas de uma potencial ausência de estratégias mais críticas, como também no insucesso de iniciativas profícuas ou, na eventualidade, pouca duração de projetos com grande potencial, cuja existência localizada não permite acúmulo público dos resultados. Dessa perspectiva, o guia educativo não foi concebido como uma proposta vinda de cima, mas como uma contribuição para a aproximação entre o público (visitantes, alunos e professores) e museus que se alimenta tanto das discussões mais recentes realizadas dentro do espaço acadêmico, bem como do chão da sala de aula e da própria instituição museológica. Assim, não priorizamos a criação de estratégias inéditas, mas a reflexão, organização e sugestão de alternativas didático-pedagógicas que recolocam a problemática dos modos de representação pública da história, que não se limita apenas a escola.

Como já mencionado, este capítulo terá como foco a configuração institucional sob análise: o Museu Memorial da Balaiada, seus aspectos físicos, administrativos e de seu processo de formação e ações educativas que desenvolve para atender a comunidade escolar de Caxias e cidades circunvizinhas.

Inspirado no debate recente a respeito da compreensão da História enquanto ciência ligada ao cotidiano e pela própria redefinição das fronteiras e finalidades da didática histórica (RUSEN, 1997; 2006; SCHMIDT, 2007; 2005; 2009), é tomada aqui a oportunidade para debater o caráter multinarrativo da realidade e dos modos de representação pública da História. Trata-se de uma tarefa árdua, sem dúvidas, visto que impõe reconectar a operação historiográfica, geralmente pensada como distante e deslocada da sociedade, às suas vinculações concretas ao cotidiano do mundo da vida, onde se encontra o próprio historiador.

Consequentemente, a questão do saber histórico deixa de ser uma temática concernente sobre processos pedagógicos e cognitivos circunscritos ao espaço da sala de aula, ou derivados dos desafios de transposição didática, para se posicionar como elemento estruturante para atribuições de sentidos, formação de consciências e

constituição de memórias e identidades sociais. Isso que levanta uma série de questões, tais como: Qual o papel público e social do conhecimento histórico? Quais os usos narrativos da história e suas aplicações práticas? Para que serve o Ensino da História?

Nesse sentido, torna-se relevante destacar que os interesses mais pragmáticos da presente proposta – sugerir um material didático com aderência para além do espaço escolar – acabam por defrontar-se com os desafios para interrelacionar ações educativas e narrativas históricas produzidas, à questão de formação das consciências históricas e da própria estrutura da temporalidade. Sim, porque dentro da perspectiva adotada neste estudo, a narrativa histórica constitui um procedimento mental básico acionado reflexivamente pelos indivíduos (REIS, 2006); criado e reproduzido por diversas instituições (RUSEN, 2006) e objeto de lutas de representação sobre a própria realidade (CHARTIER, 1991). A nosso ver, esta consiste em uma das principais sugestões de Jorn Rusen (2006):

Dadas estas orientações, as perspectivas da didática da história foram grandemente expandidas, indo além de considerar apenas os problemas de ensino e aprendizado na escola. A didática da história agora analisa todas as formas e funções do raciocínio e conhecimento histórico na vida cotidiana, prática. Isso inclui o papel da história na opinião pública e as representações nos meios de comunicação de massa; ela considera as possibilidades e limites das representações históricas visuais em museus e explora diversos campos onde os historiadores equipados com essa visão podem trabalhar (RUSEN, 2006, p. 12).

Com efeito, se estivermos em condições de reconhecer os obstáculos epistemológicos e práticos de tal empreitada, talvez se torne mais compreensível a necessidade de situar as bases conceituais do presente trabalho em uma grade de leitura interdisciplinar, reconectando domínios de investigação e problemáticas que a própria divisão disciplinar e institucionalização do saber histórico tendeu a separar.

E aqui se encontra as motivações para recorrer a categorias bastante discutidas no universo das ciências sociais, tais como Identidade e Memória, e as associemos à discussão sobre história local e a formação de consciências históricas, como explicitado anteriormente. Essa motivação é alimentada também pela inscrição desta pesquisa na linha de pesquisa Memórias, Identidades e Cultura Escolar, do Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST), cujas reflexões subsidiaram alguns dos principais encaminhamentos realizados até o momento.

Metodologicamente, por outro lado, a pesquisa se baseia na exploração da atuação do museu escola Memorial da Balaiada, na exploração de documentos e projetos

produzidos e na realização de entrevistas com atores institucionais (consultar roteiros de entrevista na parte final da Dissertação). Quanto a observação *in loco*, tivemos dificuldade de realizá-la, dado ao momento de Pandemia de Covid-19 que vivemos. Mas, mesmo com as limitações, seguindo as orientações de biossegurança descritos pelos órgãos de saúde, estivemos no Memorial da Balaiada em três momentos, quando foi possível: observarmos o espaço da instituição, entrevistarmos a Diretora Mercilene Barbosa Torres e a Museóloga Marília Colnago Coelho Pires, como também realizarmos a visita guiada. Esses momentos permitiram-nos mapear espaços e narrativas, ambos construídos pensando na aprendizagem por parte visitantes e alunos.

Imagem 1: Entrevista a Diretora do Memorial



Fonte: acervo da autora

O interesse por esta pesquisa surge da minha experiência enquanto professora de História da rede pública em Caxias – Maranhão, o que me possibilitou perceber a tímida produção voltada ao ensino de história local, e que os esforços dos professores para a inclusão de temas que abordem a história de Caxias no cotidiano escolar estavam associados ao museu escola Memorial da Balaiada, com a finalidade de aproximação da ideia de pertencimento a uma realidade histórica anunciada a respeito da cidade de Caxias, como a que nos remete a Guerra da Balaiada.

Percebendo as limitações do ensino de história local, surgiu a motivação para pesquisa sobre a prática dos professores de História, e a relação desta prática com a história local através do Memorial da Balaiada. No entanto, durante o percurso acadêmico trilhado no Mestrado, das disciplinas cursadas, da pesquisa bibliográfica sobre o tema proposto e das oportunidades de debate coletivo realizadas no programa e em eventos, as

bases teóricas iniciais foram ampliadas, incorporando problemáticas mais específicas quanto ao lugar da didática e do conhecimento histórico na produção de representações e visões sobre o universo social. Além disso, diante das dificuldades e limitações apresentadas à pesquisa dado a Pandemia de Covid-19, pude fazer reflexões que me levaram a reorientar a pesquisa, quando, em conversa com o orientador, decidimos conhecer e refletir acerca das narrativas do Memorial da Balaiada sobre a história local para produção de guia educativo que aborde essas narrativas, colaborando, desta forma, para um entendimento de ensino e aprendizagem de história para além do espaço escolar.

Nesse caso, devemos lembrar que, os museus são espaços de aprendizagem, por isso, entendemos que o Memorial da Balaiada tem um importante papel na difusão da história de Caxias e que, a partir de seu surgimento, em 2004, o ensino da história de Caxias passa a ser disseminado a todos os que acessam o museu, deixando de ser peculiaridade da escola. Esta, por sua vez, recebe suporte do Memorial da Balaiada que, enquanto museu escola, atende docentes e alunos de todos os níveis escolares, abordando não só a Balaiada (movimento popular ocorrido entre 1839 a 1841), mas também narrando a história de Caxias e contribuindo na construção de conhecimentos sobre a cidade, através do desenvolvimento de ações educativas.

Em relação às ações educativas já realizadas pelo Memorial da Balaiada, ainda não se dispõe de guia educativo que aborde suas narrativas sobre a Balaiada, e nem a história de Caxias e que possa colaborar para o entendimento dos visitantes sobre os temas abordados e no desenvolvimento de atividades voltadas à história local realizada por professores.

CAPITULO 1

A CONSTRUÇÃO DO SABER HISTÓRICO NA RELAÇÃO MUSEU E ENSINO DE HISTÓRIA

O principal objetivo deste capítulo tem um viés duplo: por um lado, trata-se de problematizar o saber histórico a partir das suas diversas formas de representação e suas conexões com a discussão sobre memória e identidades; por outro, objetiva-se discutir as bases conceituais da pesquisa que subsidiaram a produção de um guia educativo sobre o Memorial da Balaiada em Caxias – Maranhão. Desse modo, no texto que segue, começamos pela tentativa de discutir sobre algumas categorias interdependentes na presente pesquisa, tais como memória, identidade e consciência histórica. Em seguida, procuramos situar esse debate sobre o ensino e as finalidades das ações educativas a partir da relação estabelecida com os museus, concebendo a educação patrimonial como componente potencialmente importante para a didática da História.

1.1 MUSEU E A CONSTRUÇÃO DO SABER HISTÓRICO: refletindo sobre identidade, memória e consciência histórica.

É comum a discussão acerca do ensino de História e a validade de seu estudo para o aluno. Como justificar a importância de estudar História? Desta forma, nossa prática deve ser orientada na perspectiva de fazer do ensino de História significativo para o aluno, para tanto, pensamos aqui em questões sobre identidade, memória e consciência histórica, preocupados com o entendimento sobre o saber histórico produzido através de nossa prática docente e entendendo que a aprendizagem histórica desenvolve um importante papel, pois media reflexões de construções sociais e de relações a partir do indivíduo, perpassando pelo grupo, comunidade e sendo projetado globalmente, despertando, portanto, a necessidade de questionamento do lugar social que se ocupa, fomentando identidade não apenas individual, mas também coletiva.

Mesmo compreendendo que a produção do saber histórico ocorre de forma múltipla, no cotidiano e vivência, encaminharemos a discussão de forma mais acentuada para o espaço escolar, por uma questão sistêmica, no entanto, sem entendê-lo como mais ou menos importante.

No exercício de sua função, o professor tem buscado construir sua prática considerando as reais necessidades do alunado, que tornaram complexas e multifacetadas diante do modelo de sociedade que vivenciamos. Diante deste cenário, há de se considerar a necessidade de formação pedagógica continuada que permita ao professor o desempenho de sua função de forma exitosa. Pois, segundo FREIRE (1979), “a ação docente é a base de uma boa formação escolar e contribui para a construção de uma sociedade pensante”.

Para a prática educativa crítica é necessário ao educador a apropriação de uma identidade cultural, pois, “assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar”. (FREIRE, 1996, p.46).

A partir do posicionamento de Freire, podemos considerar a principal ação na função do professor - a de mediar através de sua prática pedagógica o acesso a conhecimentos sistematizados historicamente e colaborando para a formação de uma sociedade crítica.

Os PCN de História (Brasil, 1997) tem como objetivo do ensino de história que o aluno seja capaz de “questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando, para isso, o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação”. Objetivo esse que está relacionado mais ao pensamento crítico, que a capacidade de reflexão.

A História Escolar, com suas contradições, pluralismo de ideias, provisoriamente explicativa e de dinâmica interpretativa acerca da experiência humana no tempo, tem tarefa de construir uma base curricular comum para o conhecimento histórico escolar, o que implica trazer, ao âmbito do debate público, as disputas em torno de ideias quanto ao que, do passado, é válido e legítimo ensinar às novas gerações (CAIMI, 2015).

Dentro dessa perspectiva, o ensino de história deve estar atento às questões que envolvem o desenvolvimento social do aluno. Assim, mais que atentar para o cumprimento das políticas educacionais, precisamos considerar o lugar do nosso aluno fazendo-o atuante socialmente a partir de seu lugar.

Previsto nos PCN de História, a construção da identidade individual e social, valida a necessidade do estudo da história local, pois a partir dela surge a possibilidade de despertar o conhecimento das relações que envolvem alunos, professores e sociedade local.

Os PCN (1997) apontam a necessidade de entendimento das múltiplas dimensões temporais, nesse sentido, Bittencourt recomenda:

Os estudos de História têm como base o desenvolvimento intelectual do educando, e daí a recomendação de introduzir o conteúdo a ser estudado por um problema situado no tempo presente, buscando, em tempos passados, as respostas para as indagações feitas. (BITTENCOURT, 2011, p. 114)

A pesquisadora Maria Auxiliadora Schmidt (2007), aponta que os estudantes podem notar os elementos externos a ele e interagir com situações próximas e distantes, pessoais e estruturais, bem como, as relações temporais e espaciais.

Consideramos a construção do saber histórico a partir da consciência histórica adquirida através do entendimento do passado enquanto experiência vivida e possível de construir identidades a partir da leitura de vida que se faz no presente.

Nesse sentido, a consciência histórica considera a experiência gerada do contato com o passado, ou do que é possível abstrair dele, pois “[...] toma acontecimentos do passado com o objetivo de dar identidade aos sujeitos a partir de tornar inteligível o seu presente, conferindo uma expectativa futura a essa atividade atual” (SCHIMIDT & GARCIA, 2005, p. 301). Por essa ótica, a memória é responsável pelo acesso ao passado, e ainda, por meio do entendimento deste é possível a elaboração do saber histórico, o que evidencia a importância da memória.

Por essa via, Le Goff (1994, p. 426) apresenta-nos os três tipos de memórias pensados por Leroi-Gourhan: a memória específica – relacionada à fixação de comportamentos das espécies animais; a memória étnica – relacionada comportamentos nas sociedades humanas; e a memória artificial – ou eletrônica em sua forma mais recente, relacionada à reprodução de atos mecânicos encadeados.

Neste estudo priorizamos a memória étnica que, segundo o autor, é por meio dela que a memória coletiva se cristaliza, construindo os mitos de origem, descrevendo e ordenando de acordo com as tradições. Os mitos de origem servem para fortalecer a construção da história local, o que ocorre por falta de registros escritos sobre as origens na maioria das comunidades, esses passam a ser construídos a partir da memória coletiva.

Jaques Le Goff reserva a designação de memória coletiva às sociedades sem escrita, diferente de Leroi-Gourhan que aplica o termo a todas as sociedades humanas, destacando que a atividade mnésica acontece de forma constante fora da escrita (LE

GOFF, 1994, p. 427). Há, no entanto, as sociedades que, mesmo apropriadas da escrita, que constroem suas histórias através da oralidade.

Já a memória artificial ou eletrônica, está relacionada à velocidade com que as informações são divulgadas e a facilidade em consumi-las promovidas pelo desenvolvimento de tecnologias de comunicação, que têm formado relações imediatistas, afastando as pessoas da consciência histórica, como bem apontado por Jorn Rusen, o que por sua vez, vai tornando a História desinteressante e sem sentido. A este respeito, Oliveira (2013, p. 113) nos apresenta a discussão de Nora e Hartog em seus escritos (Nora, 1984; Hartog, 2013, cap. IV) quando apontam:

[...] algumas das circunstâncias contemporâneas que têm contribuído para esgarçar e fragmentar os elos da sociedade com tradições e monumentos comemorativos da história nacional realçando, em especial, duas delas: a clivagem entre a história ensinada nas instituições destinadas à educação e à cultura, e as expectativas de crianças e jovens motivados pelas experiências de aceleração do tempo que a cultura virtual pode proporcionar. (OLIVEIRA, 2013, p. 113)

Em seu ensaio História e Memória, Jacques Le Goff fala que, na contemporaneidade, o termo “memória” tem sido empregado de forma metafórica para diversos tipos de suportes conservadores de informação, como o computador. Para ele, a memória eletrônica “[...] não é senão um elemento, sem dúvida, o mais espetacular” (LE GOFF, 1994, p.467), em meio ao desenvolvimento da memória no século XX, sobretudo pós 1950, no que constitui uma verdadeira revolução da memória, pois, possui grande estabilidade, característica que a difere da memória humana, que é particularmente instável e maleável. Há o destaque feito por Le Goff para o fato de a memória artificial, só poder ser programada por meio da ação do homem e à importante revolução documental como a criação dos bancos de dados, da qual podemos citar os acervos digitais museológicos, acessíveis a todos os públicos via internet.

Além de servir na construção da história local, a memória coletiva é elemento indispensável na formação da identidade, e a identidade proporciona o desenvolvimento de consciência histórica necessária no processo de elaboração das aprendizagens históricas. O conceito de memória coletiva de Maurice Halbwachs, é abordado por José D’Assunção Barros em seu estudo sobre História e Memória, quando expressa a ideia de que, *ao examinar seu passado, o grupo percebe que tem continuado o mesmo e, dessa forma, adquire “consciência de sua identidade através do tempo”*. (HALBWACHS, 2006, p. 109 *apud* BARROS, 2009, p.49). O conhecimento voltado para a história local

é relevante para o ensino, quando passamos a caminhar no sentido do individual ao coletivo, do micro ao macro, do local ao mundial, para a construção de uma leitura social contextualizada a partir de nossa realidade.

Segundo Circe Bittencourt (2011, p.168), “[...] a memória é, sem dúvida, aspecto relevante na configuração de uma história local tanto para historiadores, quanto para o ensino”. A autora defende que:

A questão da memória impõe-se por ser base da identidade, e é pela memória que se chega à história local. Além da memória das pessoas, escrita ou recuperada pela oralidade, existem os “lugares da memória”, expressos por monumentos, praças, edifícios públicos ou privados, mas preservados como patrimônio histórico. Os vestígios do passado de todo e qualquer lugar, de pessoas e de coisas, de paisagens naturais ou construídas tornam-se objeto de estudo. (BITTENCOURT, 2011, p. 169).

Conhecer os espaços de acontecimentos que compõem a história local enquanto *lugar de memória* contribui para a formação da identidade histórica, estabelecendo a relação do lugar com o passado. Sobre os lugares de memória, o autor Pierre Nora afirma que:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais (...). Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento de história, mas que lhe são devolvidos (...). (NORA, 1993, p.13)

Os estudos sobre memória e a disseminação do tema incentivou a prática de colecionamento e de arquivar, promovendo a conseqüente valorização dos museus. No entanto, a ideia de museu como espaço de alocação de memórias que levam as pessoas a conhecerem o passado de forma isolada e fragmentada a partir de um ponto de vista imposto, não é suficiente para o processo de ensino e aprendizagem em História. A rememoração faz-se fundamental, mas, a partir da necessidade de olhar o passado e partindo do presente, por meio da consciência histórica adquirida enquanto experiência.

A Didática da História, abordada pelo teórico Jorn Rusen, trata do entendimento sobre consciência histórica, discussão importante neste estudo. Segundo ele, com a institucionalização e profissionalização da História, as discussões sobre os princípios

didáticos da escrita histórica diminuam. No século XIX, quando acontece a definição da disciplina História, há um distanciamento de um importante princípio: “[...] a história está enraizada nas necessidades sociais para orientar a vida dentro da estrutura tempo [...]” (Rusen, 2006, p. 8). São os interesses comuns básicos que guiam o entendimento histórico, desempenhando “[...] um importante papel na cultura política das sociedades dos historiadores[...].” (Rusen, 2006, p. 8).

Para Schimidt (1998, p. 57), do ponto de vista do ensino de história, aula é “o momento em que, ciente do conhecimento que possui, o professor pode oferecer ao seu aluno a apropriação do conhecimento histórico existente, através de um esforço e de uma atividade que edificou este conhecimento”. Aula é espaço de compartilhamento de significados (Schimidt & Garcia, 1999) e de experiências individuais e coletivas (Schimidt & Garcia, 2005), e o saber escolar é produzido a partir de diferentes saberes, advindos desse espaço de compartilhamento. Assim, o entendimento de aula de história amplia-se e abre-se ao debate no campo da Didática da História, para a qual Rusen (1987) estabelece princípios constitutivos.

O primeiro princípio constitutivo sobre aula de história, de acordo com a Didática da História, é de ordem teórica: *orientações e discussões sobre as condições, finalidades e objetivos do ensino de história*. Segundo Schimidt & Garcia (2005, p. 299), a história estuda a vida com a intenção de “[...] recuperar o sentido de experiências individuais e coletivas[...].” e isso deve ser critério para a seleção dos conteúdos e sua organização em temas que contribuam para a formação da consciência crítica e coletiva. Tais conteúdos, nessa perspectiva, precisam construir problematizações históricas possíveis de provocar visualização de histórias diversas, a fim de que alunos e professores percebam-se participantes da realidade histórica.

O Segundo princípio constitutivo, de ordem prática – *métodos e atividades de ensino de história* – as atividades desenvolvidas na aula de história devem ter o objetivo de contribuir para a formação da consciência histórica dos alunos e professores.

Assim, a Didática da História contribui para que a aula de história seja dotada de sentido, propondo romper com o distanciamento do conhecimento histórico produzido na Academia, resultante da “cientifização” da História, pois a aplicação desta, sem a reflexão histórica aplicada à vida prática para promoção entendimento histórico, causa prejuízos ao processo ensino e aprendizagem em História.

O conhecimento histórico produzido na academia pouco tem sido pensado para ser ensinado na Educação Básica, limitando a ação do conhecimento histórico em seus

usos para a vida humana. “Desse ponto de vista, pode ser dito que a história científica, apesar de seu clamor racionalista, havia conduzido aquilo que gostaríamos de chamar “irracionalização” da história” (Rusen, 2006, p. 9). Segundo o autor, o papel específico da história entre as ciências sociais permaneceu secundário e, por isso mesmo, podia ser substituído por outros ramos da educação política e social, desta forma, podemos entender a instabilidade da história no currículo escolar.

A resposta à pergunta “*como justificar a importância de estudar História?*” está no entendimento da história como estudo da experiência humana no tempo (Thompson, 1981 *apud* Shimidt & Garcia, 2005). Assim, Rusen (1970), no estudo sobre a Didática da História, aponta um dos seus princípios constitutivos: a ordem teórica, “orientações e discussões sobre condições, finalidades e objetivos do ensino de História” (Shimidt & Garcia, 2005, p. 299). A História deve ter aplicabilidade de orientação para a vida, eis, então, a justificativa da importância de seu estudo para os alunos da Educação Básica. A consciência histórica, desta forma, não está relacionada apenas ao “aprendizado e ensino de história, mas cobre todas as formas de pensamento histórico; através dela se experiencia o passado e se interpreta como história” (Rusen, 2006, p. 14). Os estudos históricos servem como orientação entre passado, presente e futuro, em que o futuro é projetado a partir do entendimento da realidade atual, adquirida por meio da interpretação histórica do passado.

A consciência histórica, segundo Rusen (1992), tem a função de orientação temporal que nos leva a agir intencionalmente por meio da memória histórica, incluímos nesta ação os valores morais, pois a narração significativa faz o presente inteligível e atribui perspectivas ao futuro. Esta orientação temporal é apresentada em dois aspectos: um interno e outro externo. A identidade histórica está relacionada ao aspecto interno que, por intermédio da história, gera autocompreensão e conhecimento das características temporais (Rusen, 1992).

Por meio da identidade histórica, a personalidade humana expande sua extensão temporal, mais além dos limites do nascimento e da morte, mais além da mera mortalidade. Via esta consciência histórica, uma pessoa de faz parte de um todo temporal mais extenso que em sua vida temporal. (RUSEN, 1992, p. 8).

A orientação temporal da consciência histórica ocorre através da narração, assim, a consciência humana atribui sentido ao passado, constituindo uma narrativa histórica definida por três elementos: *forma, conteúdo e função*, na qual Rusen (1992, p. 9) elenca três competências da consciência histórica – “*competência de experiência*”, relacionada

ao conteúdo, que “implica a capacidade de aprender a olhar o passado e resgatar sua qualidade temporal, diferenciando-o do presente”, em sua forma mais elaborada, vem a ser a “sensibilidade histórica”, isto é, olhar o passado com sensibilidade; “*competência de interpretação*”, referente à forma, que implica a habilidade para “reduzir as diferenças de tempo entre o passado, o presente e o futuro”, ou seja, traduzir as “experiências da realidade passada a uma compreensão do presente e a expectativas em relação ao futuro” (Rusen, 1992, p. 10); “*competência de orientação*”, relacionada à função, implica utilizar a “experiência para os propósitos de orientação de vida, [...] articulando a identidade humana com o conhecimento histórico, mesclando a identidade no enredo e na própria trama concreta do conhecimento histórico”, para assim, “determinar um curso de ação” (Rusen, 1992, p. 10). Dessa maneira, a da experiência adquirida pelo conhecimento do passado e de sua interpretação é promovida a formação da identidade histórica que nos instrumentaliza a elaborar ações baseadas na razão histórica que estabelece expectativas para o futuro.

Figura 1: Narrativa Histórica – John Rusen



Fonte: Elaborada pela autora

Desta forma, a narrativa histórica contribui para contemplar no ensino, o que determina a LDB nº 9.394/1996, em Art. 32, parágrafo III, que apresenta como objetivo para o ensino fundamental, a formação básica do cidadão, mediante “o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades, e a formação de atitudes e valores”.

A partir do entendimento sobre consciência histórica, compreendemos que o contato com o museu deve extrapolar a ideia temporal de que as peças ali expostas pertencem a um tempo específico e isolado, deve, porém, haver um olhar contextualizado

e de entendimento que as memórias apresentadas passam a ser coletivas, para entendermos que o museu fala de uma realidade vivida no passado, mas que deve ser entendida no presente. Por essa ótica, “a consciência histórica funciona como um modo específico de orientação em situações reais da vida presente: tem como função ajudar-nos a compreender a realidade passada para compreender a realidade presente” (RUSEN, 1992, p. 5).

Desse modo, quando colocamos a ideia de realidade vivida, falamos da intenção do museu de abordar um tema histórico específico, a exemplos: Museu Imperial, em Petrópolis (RJ); Museu da Inconfidência, Ouro Preto (MG); Museu da Balaiada, Caxias (MA), elemento desta pesquisa.

Para a educação, o museu pode ser um caminho de descobertas, de conhecimento, de deleite, de devaneio, mas tem um objetivo específico. E essa especificidade dada através da educação faz com que uma ida ao museu com a escola torne-se algo diferenciado de uma visita feita em outro contexto, com a família, por exemplo. O potencial multifuncional do museu propicia esse diálogo diferenciado, mas é importante que o professor saiba quais são os seus objetivos, no intuito de contribuir com ou se apropriar do conhecimento. (DILE ROBALINHO, 2016, p. 53)

Sobre essa ótica, o museu é visto por muitos unicamente como via que direciona ao passado, sem perceber que ele conecta passado, presente e futuro, contribuindo para a formação da consciência histórica dos que o acessam, abrindo e possibilitando a apropriação de novos conhecimentos ou a reelaboração.

Beatriz Sarlo (2007) fala sobre a coexistência, em um mesmo momento histórico, de diferentes ‘passados’, construídos por intermédio de registros e preocupações sociais diferenciadas.

Os museus no séc. XIX exteriorizaram outra postura em relação ao tempo: o passado estava distante do presente e somente uma reflexão científica, presidida por procedimentos disciplinares que a legitimassem, poderia torná-lo visível e útil à ação dos homens. (OLIVEIRA, 2013, p. 104)

Figura 2: Passado – memória: museus



Fonte: elaborada pela autora

O termo museu de origem grega vem das palavras ‘Mousa’ e ‘Mouseion’, templo das nove musas, filhas de Zeus e Mnemosine (deusa da memória), eram locais sagrados dedicados à arte e à ciência. Foram considerados como o primeiro museu, e eram formados por vários ambientes, entre eles: bibliotecas, jardim, observatórios.

O nome das musas, deusas e protetoras das belas artes estava incontestavelmente na origem do nome museu ... A palavra recebeu depois um sentido mais amplo e hoje se aplica a todos os logradouros onde estão acumuladas as coisas que têm relação imediata com as artes e as musas. (L’Encyclopédie, v.10, p.893-894 *apud* OLIVEIRA, 2013, P. 104)

A princípio, os museus tornaram-se espaços de salvaguardar o patrimônio material e imaterial de uma sociedade, frequentado por pessoas elitizadas e letradas. Posteriormente, passaram a ser espaços abertos ao público em geral, de caráter educativo, com o objetivo de preservar e disseminar a memória coletiva. Tornou-se um espaço adequado para aguçar o interesse pelo aprender história e perceber-se integrado a ela, colaborando para a construção de identidades pessoais e sociais.

1.2 ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA LOCAL: a educação patrimonial através da relação museu e escola.

O ensino de história, desde sua constituição enquanto disciplina, tem enfrentado a dificuldade presente na discussão sobre a distância entre História Acadêmica e a História Escolar. A primeira, é responsável pela construção do conhecimento teórico e

conceitual, seu cotidiano marcado pelos ambientes acadêmicos, sobretudo as universidades. Já a segunda, se distancia da primeira ao ter sua construção no cotidiano escolar e a experiência dos professores e dos alunos. No entanto, atualmente, ambas estão em processo de aproximação através das mediações que transformam os conhecimentos significativos para o processo de ensino e aprendizagem na educação básica.

Durante o século XIX, quando os historiadores definiram sua disciplina, eles começaram a perder de vista um importante princípio, a saber, que a história é enraizada nas necessidades sociais para orientar a vida dentro da estrutura tempo. O entendimento histórico é guiado fundamentalmente pelos interesses humanos básicos: assim sendo é direcionada para uma audiência e tem um papel importante na cultura política da sociedade dos historiadores. (RUSEN, 2006, p. 8)

Fonseca (1993), na publicação de sua Dissertação de Mestrado, faz uma retrospectiva para entendimento do desenvolvimento da distância entre ensino de história e história acadêmica:

- Na década de 1960, aconteceram mudanças educacionais implementadas após 1964, quando o ensino de história passa a ser alvo do poder político autoritário e houve a adequação ao binômio: desenvolvimento econômico e segurança nacional. Momento de desvalorização das Ciências Humanas e institucionalização das disciplinas Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira (OSPB). A produção historiográfica foi influenciada pelo contexto sócio político, desde a reforma universitária de 1968 até as lutas políticas da década de 1970;
- Na década de 1970, ocorreu a Reforma Educacional de 1971; no final da década para o início da de 1980, houve mudanças no ensino, decorrentes do embate entre as forças políticas daquele cenário; os currículos de vários estados são reformulados. O ensino de história recebe forte influência dos modelos europeu e americano (Estados Unidos): modelo quadripartite francês (História Antiga, História Medieval, História Moderna e História Contemporânea). A História do Brasil foi dividida a partir de marcos políticos e tinha inspiração na pedagogia norte-americana. A História e a Geografia tornaram-se apêndices (Estudos Sociais), lembradas nas datas comemorativas civis, meio pelo qual cultuava-se os “heróis” e seus feitos, quando se colocava de forma precisa valores explícitos nos programas de ensino que atendiam interesses do poder político vigente;

- Na década de 1980, transformações ocorridas no ensino de História a partir, ou influenciadas, pelas novas propostas curriculares de São Paulo e Minas Gerais. Dentro do processo de redemocratização, foram produzidas discussões acerca do ensino de História e as perspectivas de renovação. São criados os cursos de formação de professores para o 1º e 2º graus e, com a produção e difusão de conhecimentos históricos voltados ao ensino, a Academia (Universidade) estabeleceu uma relação com o ensino, com a docência.

Nessa perspectiva, o ensino de história começa a abrir-se para novas possibilidades de abordagens, dentre as quais destacamos a história local.

O ensino de história local passaria a contrariar a periodização clássica que consagra a ideia de linearidade, que distancia a história da realidade do aluno e de seu cotidiano, tirando-o a percepção de que conhecer a história, a partir de seu lugar, permite percebê-la como centro do acontecer histórico. O estudo de história local possibilita que os conflitos cotidianos possam emergir, dando voz e tornando protagonistas alunos, professores, aqueles que a acessam, admitindo maior compreensão das estruturas políticas, sociais e econômicas.

[...] a história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer – igualmente por situar os problemas significativos da história do presente. (Bittencourt, 2011, p.168)

Desta forma, ao refletirmos sobre o ensino de História e as práticas voltadas ao ensino de história local, encaminharemos discussões sobre o papel dos museus no processo de aprendizagem histórica, refletindo sobre a educação patrimonial como parte desse processo e pensando na relação das instituições escola e museu na construção de ações pedagógicas pertinentes ao ensino de história.

A relação museu escola, a princípio articuladas por instituições como Conselho Internacional de Museus (ICOM) e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), teve seu alargamento promovido pelo desenvolvimento de políticas educacionais de valorização patrimonial e da adoção do papel de instituição educadora através de ações educativas por parte dos museus, assim como as práticas docentes de valorização do museu enquanto espaço de memória, fomentador de consciência histórica.

A desafiadora proposta de incluir ações pedagógicas voltadas à educação patrimonial e em parceria com os museus à prática docente, muitas vezes, é confrontada pela necessidade de flexibilização ou adequação do currículo aos temas que se propõe estudar.

A importante reflexão sobre o currículo proposto ao ensino de História deve ser pertinente no ato de planejar, abandonando a ideia de prisão conteudista e absorvê-lo enquanto proposta curricular, que, ao ser posto em prática, deve proporcionar aos alunos a possibilidade de construção de aprendizagens condizentes com sua realidade.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (Parecer CNE/CEB nº7/2010 e Resolução CNE/CEB nº 4/2010), uma das maneiras de se conceber o currículo é entendê-lo como constituído pelas experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, permeadas pelas relações sociais, buscando articular vivências e saberes dos alunos com os conhecimentos historicamente acumulados e contribuindo para construir as identidades dos estudantes. O foco nas experiências escolares significa que as orientações e propostas curriculares que provêm das diversas instâncias só terão concretude por meio das ações educativas que envolvem os alunos (BRASIL, 2013, p. 112)

Costa e Vasconcellos (2013) apresenta o conceito de currículo abordado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 1998, documento que, no período de 2000 a 2010, foi responsável pela estruturação curricular:

[...] este conceito [o de Currículo] envolve outros três, quais sejam: currículo formal (planos e propostas pedagógicas), currículo em ação (aquilo que efetivamente acontece nas salas de aula e nas escolas), currículo oculto (o não dito, aquilo que tanto alunos, quanto professores trazem, carregado de sentidos próprios, criando as formas de relacionamento, poder e convivência nas salas de aula). **Neste texto, quando nos referimos a um paradigma curricular, estamos nos referindo a uma forma de organizar princípios Éticos, Políticos e Estéticos que fundamentam a articulação entre Áreas de Conhecimentos e aspectos da Vida Cidadã.** (BRASIL, 1998, p. 6 *apud* Costa & Vasconcellos, 2013, p. 2)

O currículo formal é imprescindível para o funcionamento da escola, é ele que legitima como parâmetro, o processo de aprendizagem; como bússola, orienta a escola nos caminhos a serem trilhados para o ensino. No entanto, compreendemos o processo ensino-aprendizagem como dinâmico, e o currículo como proposta, é flexibilizado para garantia da aprendizagem, objetivo deste processo, tornando-o currículo real, pois possibilita a observação dos elementos socioculturais que envolvem a comunidade

escolar. Assim, nem tudo que é proposto pelo currículo formal é ensinado e aprendido pelo currículo real.

A Base Nacional Comum Curricular nos fala que: “todo conhecimento sobre o passado é também um conhecimento do presente elaborado por distintos sujeitos” (BRASIL, 2017, p. 395). Assim:

As questões que nos levam a pensar a História como um saber necessário para a formação das crianças e jovens na escola são as originárias do tempo presente. O passado que deve impulsionar a dinâmica do ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental é aquele que dialoga com o tempo atual. (BNCC, 2017. p. 395).

O que justifica o estudo da História é o tempo presente, visto que são os questionamentos do presente que dão sentido ao conteúdo sobre o passado. Então, o currículo deve selecionar as aprendizagens que sejam significativas para o aluno, que respondam a questões do presente e não apenas elencar conteúdos porque estão no rol curricular da disciplina escolar ou no livro didático.

As escolhas pedagógicas do docente de história podem possibilitar reflexão no aluno sobre seus valores e suas práticas cotidianas para, assim, relacioná-las com problemáticas históricas que se identificam com sua comunidade, a fim de contextualizá-las enquanto experiência a partir de seu lugar para o global.

[...] o indivíduo faz uso da História para estudar a experiência humana dos outros no tempo, com essa pretensão, na História deve haver o cuidado na seleção dos conteúdos e sua organização, já que a finalidade desse ensino visa contribuir para a formação de consciências individuais e coletivas. (MATEUS, 2018, p. 55)

Para tanto, torna-se elementar que o ensino de história local - local aqui pensado como uma demarcação simultaneamente de forma física e simbólica, cujo os limites espaciais podem ser variáveis (o lugar, o grupo social, o bairro, a cidade, a região da qual fazemos parte), e entendido como espaço coletivo, dinâmico, de vivências, de relações sociais e de atuação dos que nele habitam.

Estudos sobre a história local tem se tornado cada vez mais significativa à medida que valorizam os indivíduos como atores da vida cotidiana, tornando possível a contribuição para a formação dos nossos alunos, afim de que os mesmos se reconheçam a partir de sua história.

A reconstrução da história de um lugar ou de uma localidade implica partir do princípio de que a história está presente em todos os lugares,

em todos os momentos. De que o lugar, seja quando, qual e onde for, integra-se historicamente a espaços e contextos mais amplos, a partir dos papéis e condições econômicas, políticas, sociais e culturais vividas no dia a dia por seus habitantes e por ele próprio, no município, no país e no mundo. (SANTOS 2002, p. 110 - 111)

Destacamos, então, a importância do estudo de história local para a formação social do aluno, pois o leva à reflexão dos seus valores e práticas, estabelecendo relações com questões históricas de sua realidade local, fazendo conexão com a história nacional e mundial. É relevante ainda, por viabilizar a relação entre passado e presente nos espaços de vivência do aluno, colocando-o diante de problemáticas cotidianas.

Operar com essa abordagem da história, portanto, importa compreender que as realidades históricas de determinada localidade e de seus habitantes no tempo não se dão isoladamente do mundo, e sim como partes desiguais, mas vivas, ativas e inseparáveis dele. (NOVACK, 1973 *apud* SANTOS, 2002, p. 111)

Levar o aluno a identificação com o lugar, promovendo a aproximação do que se vive ao que foi vivido, contribuindo para a formação do pensamento crítico, é o objetivo da história local.

A Lei nº 9394/1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em seu artigo 26:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (BRASIL, 1996, p. 28)

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s, (documento que serviu como diretriz ao ensino na Educação Básica até a formulação da Base Nacional Curricular Comum – BNCC):

Os estudos da história local conduzem aos estudos de diferentes modos de viver no presente em outros tempos, que existem ou que existiram no mesmo espaço. Nesse sentido, a proposta dos estudos históricos é de favorecer o desenvolvimento das capacidades de diferenciação e identificação, com a intenção de expor as permanências de costumes e relações sociais, as mudanças, as diferenças e as semelhanças das vivências coletivas, sem julgar grupos sociais classificando-os como mais evoluídos ou atrasados. (BRASIL, 1998, p.52).

As Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica complementam de acordo com a Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010:

Art. 15. Em sua parte diversificada: cada sistema de ensino e estabelecimento escolar complementa a base nacional comum, prevendo o estudo das características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da comunidade escolar, perpassando todos os tempos e espaços curriculares constituintes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, independentemente do ciclo da vida no qual os sujeitos tenham acesso à escola. (BRASIL, 2010, p. 6).

Quando nos dispomos a desenvolver práticas voltadas ao estudo de história local, através de ações educativas associadas a museus, estamos necessariamente nos vinculando à educação patrimonial, na perspectiva de sensibilizar e contribuir para a conscientização, por meio da cultura local, partindo da ideia de que a memória estimula o diálogo com o passado, e conversar com o passado pode levar a formação da identidade local, por intermédio do conhecimento das práticas cotidianas que constroem história, como forma de perpetuar quem são e o que fazem. Para Fochesatto (2012, p. 227), “entender o museu e a escola como espaços sociais que possuem características próprias, esses ambientes se inter-relacionam e complementam um ao outro, sendo indispensáveis para a formação de um cidadão cientificamente alfabetizado”.

A relação ensino de história e museus tem aumentado significativamente, sendo estes vistos como espaços provocam memórias possíveis de promoverem aprendizagens. Todo museu tem como missão cuidar do patrimônio, mas as escolhas dos patrimônios que serão mostrados passam sempre por aquilo que se quer lembrar ou esquecer (DILE ROBALINHO, 2016, p. 53).

Como entendemos que esse processo inclui a educação patrimonial, partamos da ideia apresentada por Horta; Grunberg; Monteiro (1999, p. 6), quando diz que a Educação Patrimonial “trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo.” Assim, a Educação Patrimonial contribui socialmente para que se conheça e valorize o resultado histórico cultural – materiais e imateriais.

A Educação Patrimonial aplicada ao ensino de História viabiliza a formação de indivíduos capazes de conhecer a sua própria história cultural. Ao trabalharmos questões referentes ao patrimônio no ambiente escolar, estamos oferecendo subsídios para a construção do conhecimento e da valorização e preservação desses bens culturais, sejam eles materiais, imateriais, naturais ou construídos. (SOUZA, 2016, p. 36)

Viabilizar o acesso ao patrimônio histórico local e orientar sobre sua importância em relação às aprendizagens históricas, são práticas que devem compor o ensino de

história, pois a apropriação do entendimento de que o patrimônio histórico nos fala da nossa história desperta o sentimento de preservação.

Seguindo essa premissa, trabalhar com educação patrimonial sensibiliza os alunos para o conhecimento acerca de elementos que estiveram presentes na sociedade, uma vez que está relacionado ao conhecimento e à valorização através da memória que identifica o lugar, objeto, monumento, conectando-o à História.

[...] a Educação patrimonial é “um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. Busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural”. (HORTA, 1999, p. 05)

Por isso, o espaço do museu pode ser um lugar de construção de problemáticas e ferramenta no auxílio do aprendizado de História, o museu tem assumido o papel de espaço que significativo, pois passa a ser visto como lugar não apenas de reconhecimento, mas também de produção de conhecimento. E essa produção de saberes interage com a memória local e coletiva, bem como desperta a valorização do patrimônio histórico.

[...] ao longo de sua trajetória desde o século XIX, modificaram-se e adquiriram sentidos e dimensões matizados, conforme a época, protagonizando um universo de forças políticas, compartilhado por diversos agentes que com eles estabelecem intenso debate intelectual, tornando-se, concomitantemente, sujeitos e objetos de disputas sobre o passado, suas apropriações e seus usos. Na atualidade, são interpretados como núcleos de produção de saber e de preservação de patrimônios, exercendo ainda amplas responsabilidades sociais, como a difusão da cultura e de conhecimentos à sociedade em geral, e o desenvolvimento de propostas e ações de caráter pedagógico e educativo. (OLIVEIRA, 2013, p. 105)

Nesse sentido, é válido mencionar que o museu é uma instituição que atrai a apreciação do público, por interesse de aprendizagem ou por curiosidade. Para o ensino, no entanto, é necessário haver a intenção para acessar o museu como espaço de aprendizagem com objetivos definidos.

Uma instituição permanente, aberta ao público, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, que adquire, conserva pesquisa, expõe e divulga as evidências materiais e os bens representativos do homem e da natureza, com a finalidade de promover

o conhecimento, a educação e o lazer. (IPHAN / ICOM, 2005, apud FRANÇA, 2009).

Em visto disso, Bittencourt *apud* Almeida & Vasconcelos (2004) questionam sobre o que efetivamente se aprende nas visitas aos museus, demandando preparação e envolvimento dos docentes e da comunidade, exigindo do professor novas práticas que vão para além da sala de aula.

[...] visitar museus é um exercício de cidadania, pois possibilita o contato com temas relativos a natureza, sociedade, política, artes, religião. Leva a conhecer espaços e tempos, próximos e distantes, estranhos e familiares, e a refletir sobre eles; aguça a percepção por meio da linguagem dos objetos e da iconografia, desafia o pensamento histórico com base na visualização das mudanças históricas, permitindo repensar o cotidiano. (ABUD, 2010, p. 136)

A visita a museus nos enriquece, pois nos proporciona conhecermos os lugares onde há uma multiplicidade de temas expostos que nos ajudam a conhecer a nossa história. No entanto, para alguns, pode até não causar interesse, pois há museus que são apresentados:

[...] como uma reunião de objetos em vitrinas com etiquetas informativas, o que concorre para uma total dispersão e desinteresse do público visitante e para forma a imagem dessas instituições, consideradas como ‘lugar de coisas velhas e distantes’ e sem sentido para a vida de alunos. (ALMEIDA & VASCONCELOS, 2004, p 106).

No entanto, não são estes museus nosso foco, os que nos servem de referência são os que desenvolvem atividade educativa, que promovem a reconstrução do passado de formas variadas, desenvolvendo uma narração histórica através da materialidade de suas peças expostas. Segundo Almeida & Vasconcelos (2004), o contato com esses documentos materiais, deve acontecer a partir do suporte comunicativo das exposições para a constituição de uma memória e da preservação de um passado.

Na atualidade, são interpretados como núcleos de produção de saber e de preservação de patrimônios, exercendo ainda amplas responsabilidades sociais, como a difusão da cultura e de conhecimentos à sociedade em geral, e o desenvolvimento de propostas e ações de caráter pedagógico e educativo. (OLIVEIRA, 2013, p. 105)

Por lógica, é necessário pensar no rompimento com a limitação do uso das fontes, que não são apenas bibliográficas, muitas vezes representadas apenas pelo livro didático. Um museu é uma instituição que possibilita ao aluno o contato com as fontes materiais, e estas, por sua vez, promovem reflexões sobre o passado que, a partir da mediação

proposta pedagógica e historicamente, promovem a aprendizagem histórica. A orientação dada quanto ao olhar para as peças expostas nos museus é que torna possível a construção de conhecimentos históricos.

Segundo Bittencourt (2011, p. 355), é preciso “um olhar de indagação”, de informação que pode aumentar o conhecimento sobre os homens e sobre sua história. Por isso, torna-se importante pensar no museu como um espaço que seja uma extensão da escola no processo de construção do saber histórico e seja utilizado como lugar de produção conhecimento.

A relação dos nossos alunos com o museu deve provocar inquietações e questionamentos, que os levem a conhecerem sua história, a história de sua cidade, de forma que os permita maximizar seu entendimento histórico. Assim, os museus passam adquirir a função não apenas de preservar, conservar e contar histórias, mas também a de educar historicamente, passam a ser pensados de forma plural, e não mais apenas como local de conservação de memórias, tornaram-se lugares de educação, aprendizagem e descobertas.

Observa-se que os museus históricos são reconhecidos atualmente por sua missão cultural que, além das funções de preservar, conservar, pesquisar e expor apresenta-se também como campo fértil para as práticas educativas e de uma identidade com a cidade. (SOUSA, 2017, p. 2)

Em relação a isso, as pesquisadoras Pereira e Siman (2009, p. 7), pensam na relação museu e escola como via de mão dupla, na qual os educadores podem fazer convergir suas ações educativas. Assim, se educadores se dispõem a promover aprendizagens acessando museus, e esses passam a assumir um papel diferenciado quando se dispõe a promover a aprendizagem ao público organizando-se museu escola, com práticas pedagógicas definidas.

Por isso, na relação museu e escola, Fochesatto (2012), aponta que deve compor o planejamento pedagógico do professor, assim como pode fazer parte do plano pedagógico da escola, pois é possível o desenvolvimento de projetos interdisciplinares e multidisciplinares, já que o museu possibilita a exploração de aprendizagens diversas.

De acordo com Luciano Corado Martins (2006 *apud* FOCHESTATTO, 2012), o planejamento didático para desenvolvimento de atividades voltadas para o museu, visando a educação patrimonial, deve ser composto:

1º - pela preparação dos alunos antes da atividade;

2º - atividade no museu;

3º - atividades de prolongamento, realizadas em sala de aula.

As ações educativas pelo e no museu servem e funcionam como processo de alfabetização cultural, que resulta em outro processo – educação patrimonial. Mas, como em todo o processo educativo, a formação dos professores é necessária para serem instrumentalizados com o intuito de provocar entendimento sobre patrimônio histórico, objetivando elaborar uma relação produtiva entre escola e museu, possibilitando aos alunos experimentarem diferenciadas maneiras de aprendizagens, que os levem além do saber escolar almejado, para desenvolvimento de consciência histórica e formação cidadã.

Esse trabalho com os professores também é fundamental para desmistificar a ideia de museu enquanto lugar sagrado e reverenciado, onde lá estaria um saber pronto e definitivo, sem conflitos. Deve-se buscar provocar nos professores essas questões, para que eles concebam o museu como um local de aprendizado e de questionamentos. (FOCHESATTO, 2012, p. 226)

De acordo com Adriana M. Almeida (1997 *apud* Fochesatto 2012), a ação educativa nos museus tem por objetivo a ampliação da viabilidade pedagógica de aproveitamento dos acervos, permitindo ao visitante despertar seu espírito crítico em relação a sua realidade e seu entorno.

A visita educativa é nesse caso prática de pensar historicamente, compreendendo não só o passado como dinâmico, em sua interface com outras temporalidades (presente e futuro), mas presente como cenário conflitante, inquietante. O visitante é incitado a inquietar-se, estranhar, investigar, propor, decompor, debater, há neste museu, o convite à desconfiança das narrativas unívocas e das versões consagradas tidas como únicas formas de pensar a história. (PEREIRA, 2009, p.5)

Cada vez mais o ensino de história é desafiado a comprometer-se com inúmeras inquietações sociais que deflagram e denunciam dívidas históricas e promovem reflexões sobre o processo ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, Seixas (2004, p. 38) nos fala da revalorização da memória, quando grupos sociais e políticos passam a reivindicar o direito e o dever de memória, e em que momento se pode perceber o acúmulo de falas de memória. Em suas vivências, os alunos compõem grupos que postulam o reconhecimento de suas histórias esquecidas ou não contadas, contrapondo-se aos grupos que contam suas histórias construídas para a perpetuação de relações de poder e dominação.

“Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.” (LE GOFF, 1994, p. 426).

De acordo com Prats e Santacana (2009), o patrimônio cultural é constituído pelos bens materiais e imateriais e incluem os arquitetônicos, históricos, bibliográficos, arqueológicos, entre outros, depende da valorização social, o que descaracteriza o processo de preservação do patrimônio, já que representam grupos e interesses sociais. (apud Silva e Porto, 2012, p. 75-76).

A Constituição do Brasil, de 1988, prevê no seu artigo 216, que: constituem Patrimônio Cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, a memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I - As formas de expressão;
- II - Os modos de criar, fazer e viver;
- III - As criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Mas antes de ser tratado pela Constituição Federal, o Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, define o patrimônio histórico e artístico nacional:

Art. 1º: Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. (CF, 1937, p. 1)

Por estar relacionado à memória, o patrimônio cultural e, mais especificamente, o patrimônio histórico, ações de valorização têm sido desenvolvidas por instituições e associações, das quais destacamos escolas e museus. Nas cidades criam-se espaços para a preservação e divulgação da cultura e história, espaços estes que representam grupos e interesses sociais, sendo que alguns grupos são menos representados ou não o são, dependendo de sua posição econômica, despertando a reivindicação por grupos de populares pelo reconhecimento, preservação e valorização de suas histórias e culturas.

Nesse caso, a ideia de museu como temos hoje, acontece a partir do século XIX, e estava relacionado ao pensamento de tempo que estabelece o passado como distante do presente que só podia ser legitimado cientificamente através de procedimentos que tornava visível e útil a ação dos homens, estabelecendo reflexões acerca da história, do passado e da memória.

Para Oliveira (2013), os museus estão em constante processo de legitimação, não apenas relacionados a aspectos físicos, ampliação e preservação dos acervos, como também quanto a reflexão sobre as relações de poder que se estabelecem quanto simbologia e representação que seu acervo carrega.

Os museus são colocados “à prova” à medida que interagirem com públicos diferenciados cotidianamente precisam agir, no sentido de dar a ser contemplado o passado por meio de objetos, como se esses, por representação, reproduzissem o que fora vivido, além de terem que responder sobre a importância de seus acervos que não representam todos os grupos sociais. Assim, os museus estão em constante processo de legitimação, que está relacionado tanto a preservação e ampliação dos espaços físicos e acervos, quanto a reflexões sobre a relação de poder a que estão expostos, pois o que é preservado e acumulado enquanto bem cultural virá a ser parte de um processo de patrimonialização, da qual Oliveira (2013) apresenta aspectos relevantes como a produção de conhecimento, pois sua atuação nesse sentido contribui com a historiografia de forma inovadora e a problematização dos parâmetros de construção da história nacional e o resguardo das memórias e representações, meio de reconhecimento e identificação dos sujeitos históricos.

CAPITULO 2

A RELAÇÃO MUSEU E ENSINO DE HISTÓRIA EM CAXIAS – MARANHÃO

O objetivo do presente capítulo é explorar as narrativas do Museu Escola Memorial Balaiada. Desse modo, pretendemos explorar aqui sua gênese, as narrativas que constrói sobre a história local dentro do seu acervo, bem como explorar os projetos desenvolvidos desde que foi fundado em 2004. As estratégias metodológicas que mais se adequaram a essa intenção consistiram basicamente na exploração de documentos institucionais, seus acervos e lógicas de exposição, projetos desenvolvidos e na realização de entrevistas com agentes culturais da instituição.

É válido ressaltar que a ideia da exploração de experiências e ações, com avaliações subjetivas e propostas dos próprios agentes, atuantes no espaço recortado, encontra-se conectada às finalidades últimas de produção de um material didático, e constitui, sem dúvidas, passos decisivos a serem concluídos.

2.1 CAXIAS – PRINCESA DO SERTÃO MARANHENSE

“Teu estado é uma verde verdade/vestida em verso, banhada em ouro/a pele vermelha de sol e batalhas/rebrilha os teus relevos/revela e ratifica tua realeza/tocar tua beleza é sem palavra dela com o perdão... são teus, princesa dos poetas...os mais belos seios do sertão!” (CARVALHO JÚNIOR, 2011)

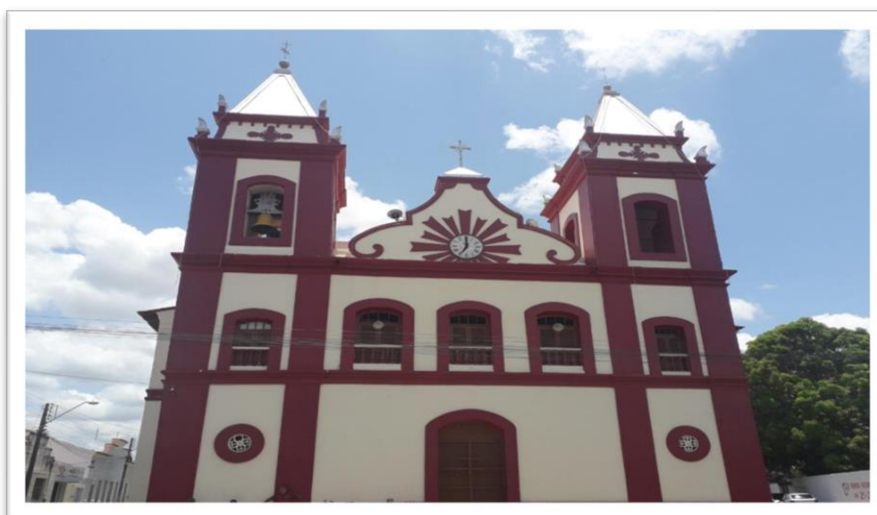
A cidade de Caxias tem sua história narrada a partir do século XVII, quando ainda habitada por comunidades indígenas dos Timbiras e dos Gamelas vê a chegada do Movimento de Entradas e Bandeiras que vem ao interior maranhense e adentram as terras às margens do Rio Itapecuru, com os missionários religiosos que pretendiam converter almas a fé cristã católica, durante a invasão francesa no Maranhão. As comunidades indígenas foram subjugadas e dizimadas, quando portugueses se estabeleceram em Caxias.

Várias foram as denominações recebidas por Caxias antes de tornar-se cidade, dentre as quais: Guanaré - denominação indígena; São José das Aldeias Altas; Freguesia das Aldeias Alta; Arraial das Aldeias Altas; Vila de Caxias – quando foi elevada à categoria de vila, em 31 de outubro de 1811. Até que, em 05 de julho de 1836, foi elevada

à categoria de cidade e recebeu a denominação de Caxias, através da Lei Provincial, número 24.

Segundo o poeta caxiense, Wybson Carvalho, a grafia "Cachias" é portuguesa e refere-se a Quinta Real que existia nos arredores de Lisboa perto de Oeiras (Portugal), outra bonita quinta do Márquez de Pombal. “O nome Caxias representa palmáceas que dão flores em cachos. Então, a denominação vem daí”, explica Wybson Carvalho. Assim, ao contrário do que muita gente pensa, o nome Caxias não se atribui a Luís Alves de Lima e Silva, é este que recebe o título de Barão de Caxias do imperador D. Pedro II, após ter estado na cidade para reprimir os balaios.

Imagem 2: Igreja de São Benedito, construída no século XIX
(Onde Caxias recebeu o título de “Princesa do Sertão Maranhense”)



Fonte: Natalia Bastos (<http://www.qualviagem.com.br/>)

Caxias, a “Princesa do Sertão Maranhense” - título que a cidade recebeu na Igreja de São Benedito, em 1858, por Dom Manoel Joaquim da Silveira - está situada na Região Leste do Estado do Maranhão, possui de um rico patrimônio material e imaterial, por meio do qual ainda é possível conhecer parte de sua história. Seu patrimônio material está composto por: casarios, dentre os quais, os que pertenceram a famílias de poetas caxienses, como Vespasiano Ramos, Coelho Neto e Gonçalves Dias, poetas que são referências da literatura brasileira; por Igrejas centenárias, que testemunham de acontecimentos históricos, como a Igreja da Matriz (Igreja de Nossa Senhora da Conceição e São José) de 1795, onde foi realizada a sessão de Adesão de Caxias à Independência, em 31 de julho de 1823 e a Catedral de Caxias (Igreja de Nossa Senhora dos Remédios) de 1987, onde balaios se refugiaram durante uma das maiores revoluções populares do Maranhão, a Balaiada; pelas ruínas do Quartel, no Morro do Alecrim, na

área hoje denominada Complexo da Balaiada, onde fica o Memorial da Balaiada, lugar em que ficaram as tropas lideradas por Luís Alves de Lima e Silva que combateram os balaios, na Balaiada, revolta popular ocorrida de 1839 a 1841 e as tropas que defendiam os interesses de Portugal no processo de Adesão de Caxias à Independência do Brasil, lideradas por João José da Cunha Fidié, em 1823.

2.2 MEMORIAL DA BALAIADA

Em Caxias temos o Memorial da Balaiada, museu criado com a intenção de narrar a História da Guerra da Balaiada pelo olhar dos oprimidos, a “história subterrânea”, a “história esquecida” dos balaios, narrada quase sempre como história nacional, “como uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor.” (POLLAK, 1989, p. 8).

O Memorial da Balaiada integra atualmente museu-escola, biblioteca, centro de documentação e um laboratório de restauração de textos antigos. Nessa proposta, o museu é entendido como espaço de salvaguarda e de divulgação de bens materiais representativos da identidade de um determinado grupo. (ABREU, 2014, p.140 *apud* SOUZA, 2016, p. 39)

Atualmente, o Museu Memorial da Balaiada cumpre com desvelo o proposto em sua criação e serve a toda comunidade caxiense e circunvizinha, atendendo aos visitantes e turistas de vários outros lugares, abordando mais que a Balaiada em seu confronto, nas terras caxienses, mas também trata da História de Caxias, narrativa construída através de fontes bibliográficas, orais e pelo acervo que compõe o museu. Nesse sentido, é importante salientar a importância da história oral, pois muito da história local caxiense foi construído através dela.

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional. (POLLAK, 1989, p. 4)

O Memorial da Balaiada, que fica localizado no Morro do Alecrim, outrora conhecido por Morro das Tabocas, na cidade de Caxias – Maranhão, foi pensado por um

grupo, tendo como pioneira a Prof^ª. Dra. Maria Bertolina Costa (Prof^ª. Betânia)¹, com a colaboração do poeta Renato Meneses, do poeta Wybson Carvalho, da Prof^ª. Silvia Maria Carvalho, da Prof^ª. Marilene Moraes, Kátia Meneses, entre outros. Esse grupo, depois viria a fundar a Associação de Amigos do Memorial da Balaiada. Nesse contexto, foi elaborado um projeto para a construção do Memorial, e apresentado ao então Ministro da Cultura Gilberto Gil, solicitando a aprovação.

O projeto foi formulado pensando na importância histórica da Balaiada, a valorização do espaço – que se encontrava em depreciação – e para salvaguardar o acervo sobre a Balaiada, em sua maioria fruto de escavação arqueológica realizada por universitários e historiadores em parceria com a UEMA, liderados pelo arqueólogo Deusdedit Carneiro Leite Filho, que coordenou a escavação e buscou evidenciar estruturas e elementos da cultura material para implantação do Museu Memorial da Balaiada, com o intuito de contar sobre a Guerra da Balaiada, pois Caxias foi palco de uma das maiores batalhas da considerada maior revolução maranhense, ocorrida no período de 1938 a 1941. A pesquisa, no sítio arqueológico das ruínas do Morro do Alecrim, em Caxias - Maranhão, é fruto da parceria entre IPHAN e Prefeitura Municipal de Caxias – MA. O processo nº 01494.000261/97-00 do Projeto foi autorizado em 14/04/1998, com o prazo de 12 meses.

Como resultado da escavação, foram encontrados restos de armamentos: balas de chumbo, projéteis; instrumentos de castigo dos escravos: correntes, tesouras e gargalheiras; botões e fivelas dos militares e dos homens e mulheres que fizeram a revolta; e até fragmentos de ossos humanos. Esse material hoje compõe o acervo de mais de 350 peças, composto ainda por um acervo eclético de peças de mobiliário, prataria e telas doadas ao museu, além de um painel em xilogravura, que aborda a história de Caxias, de Tita do Rêgo Silva, artista plástica caxiense que vive em Hamburgo, na Alemanha, desde 1988. Na parte externa, o museu tem esculturas em argila dos principais líderes da Balaiada.

A princípio, o Memorial da Balaiada foi pensado para a ocupação desse espaço, porque como aqui já tem as Ruínas, que nos remete a essa história. Foi pensando na época do Secretário de Cultura Renato Menezes (porque já tinha esse projeto de fazer o Memorial da

¹ A Prof^ª. Dra. Maria Bertolina Costa foi a primeira Diretora do Memorial da Balaiada. A Balaiada foi tema de estudo da sua Dissertação de Mestrado e Tese de Doutorado.

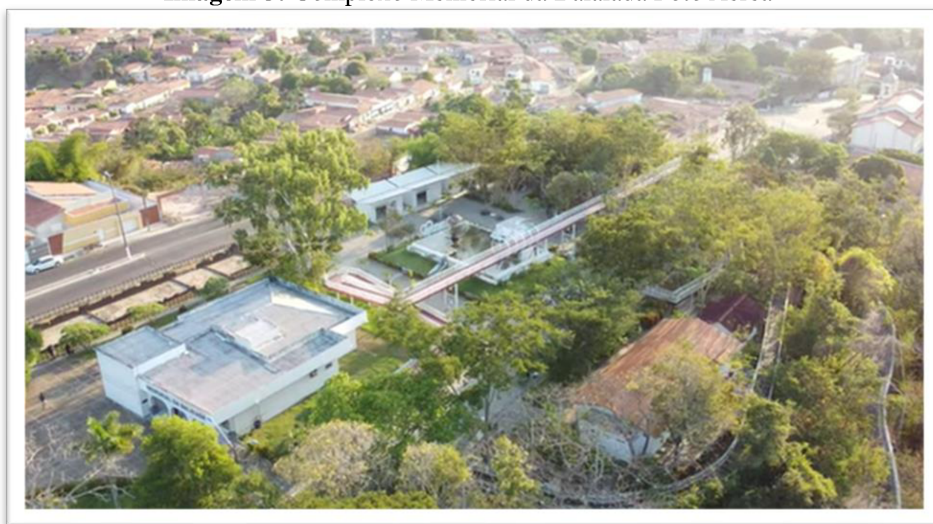
Balaiada), um local que contasse a história da Balaiada não pelo olhar tradicional, mas pelo olhar dos balaios. (PIRES, 2021)²

Assim, logo após as escavações, foi construído o prédio para salvaguardar e expor o acervo sobre a Balaiada e do seu contexto, através de convênio estabelecido entre a Prefeitura Municipal de Caxias e o Ministério da Cultura. No entanto, o convênio garantiu apenas a construção do prédio. Para a organização do espaço, mobiliário, mostruários, expositores, painéis e aquisição de acervo, foi criada a Associação dos Amigos do Memorial, que passou a pleitear editais, conseguindo, assim, a aquisição do material financiado pelo Banco da Amazônia através da Lei Rounet, Lei de Incentivo à Cultura (nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991).

Por esta razão, apesar de inaugurado em 26 de junho de 2004, foi entregue a comunidade caxiense apenas no final do mesmo ano. O prédio é administrado e mantido pela Prefeitura Municipal de Caxias, através da Secretaria de Cultura, Patrimônio Histórico, Esporte, Turismo e Juventude.

O Memorial da Balaiada (prédio e área externa – jardim e Ruínas do Quartel) agora compõe o Complexo do Mirante da Balaiada, uma área de lazer e turismo, onde temos um mirante, trilha ecológica, lanchonetes, bares e restaurantes, e que inclui ainda o CESC/UEMA, a Praça Duque de Caxias. Do mirante apreciamos panoramicamente parte da cidade, que contempla a área que formava a cidade de Caxias do século XIX.

Imagem 3: Complexo Memorial da Balaiada Foto Aérea



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Kc9_OxDgPO4

² Museóloga do Memorial da Balaiada, Marília Colnago Coelho, em entrevista concedida a Patrícia Silva Santos, em 10 de maio de 2021. Caxias/MA.

Desempenha a função museu escola, atendendo escolas da rede pública e privada de Caxias e cidades vizinhas, ofertando palestras, narrando a história de Caxias, através das peças do acervo exposto, além da aula-passeio aos arredores do Memorial, em sua área externa, onde temos: à frente (no jardim) - estátuas dos líderes da Balaiada; ao lado - as Ruínas do Quartel; e na Praça (mais a frente) - o busto daquele que dá nome a ela, Duque de Caxias. O cenário permite o confronto de memórias e possibilita a construção de narrativas que priorizam agora a visão de atores históricos antes ignorados, como é o caso dos balaios, abordados pela história oficial como rebeldes e, a desconstrução de figuras heroicas, como Luís Alves de Lima e Silva, antes visto como redentor.

Abaixo, são apresentadas as imagens que referentes ao cenário descrito anteriormente: Memorial da Balaiada e as estátuas dos líderes da Balaiada (entre as quais falta a de Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, o *Balaio*, quebrada por acidente natural e não repostada até o momento desta pesquisa).

Imagem 4: Memorial da Balaiada e Líderes Balaios



Fonte: Acervo da autora

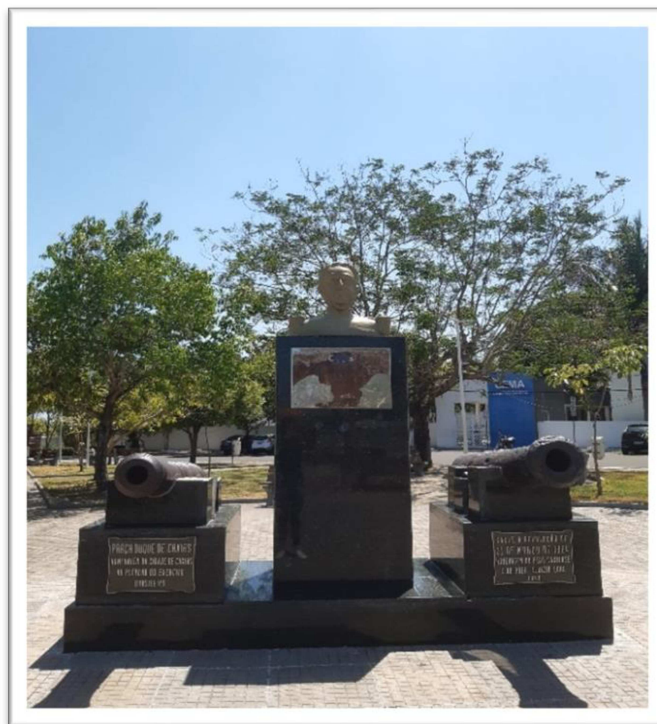
Imagem 5: Memorial da Balaiada e Ruínas do Quartel



Fonte: Acervo da autora

Ao lado do Memorial da Balaiada, as ruínas do Quartel, restauradas com o acompanhamento técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), no mesmo período de construção do Memorial.

Imagem 6: Busto de Luís Alves de Lima e Silva na Praça Duque de Caxias



Fonte: Acervo da autora

A frente do Memorial está a Praça Duque de Caxias, onde o repressor da Balaiada, Luís Alves de Lima e Silva, é homenageado, tendo seu busto ao centro com dois canhões que representam o poderio do exército por ele liderado. A área onde está a praça é do exército brasileiro, e o Quartel atual é localizado próximo à Praça. A homenagem não é típica a cidade de Caxias, pois seu nome consta em placas por várias cidades.

O Memorial da Balaiada tem desempenhado papel histórico relevante, acerca do qual SOUSA ressalta:

Constitui-se como lugar de memória e tem a função de preservar a história oral e escrita da cidade fortalecendo a identidade do povo caxiense e oferecendo oportunidades aos visitantes de conhecer seu acervo através da observação dos objetos expostos, possibilitando diferentes leituras e interpretação da história de Caxias. (SOUSA, 2017, p. 10).

A Professora Especialista em História do Maranhão, Mercilene Barbosa Torres, Diretora do Memorial da Balaiada desde 2012, nos fala do objetivo para qual o Memorial da Balaiada foi criado:

O Memorial da Balaiada, criado no ano de 2004, ele tem como objetivo descrever a história da Guerra da Balaiada, apresentar o seu acervo eclético com mais de 350 peças para o visitante. O alunado que chega ao Memorial da Balaiada ou outros visitantes, eles têm acesso a um espaço de exposição, onde cada peça tem significados e são feitas contações de histórias a partir daquela peça, para que o visitante possa compreender a história daquela peça dentro de um contexto histórico é... tudo que ocorreu e são feitas também narrativa sobre a Guerra da Balaiada. Então, nós definimos o Memorial como um museu escola, na verdade, ele foi construído com o objetivo de ser um museu escola, um centro de documentação. (TORRES, 2020)³

A relação museu escola, à princípio articuladas por instituições como Conselho Internacional de Museus (ICOM) e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), teve seu alargamento promovido pelo desenvolvimento de políticas educacionais de valorização patrimonial e da adoção do papel de instituição educadora através de ações educativas por parte dos museus, assim como as práticas docentes de valorização do museu enquanto espaço de memória, fomentador de consciência histórica.

³ Diretora do Memorial da Balaiada, Professora Especialista Mercilene Barbosa Torres, em entrevista concedida a Patrícia Silva Santos, em 8 de julho de 2020. Caxias/MA.

A Educação Patrimonial nada mais é do que uma proposta interdisciplinar de ensino voltada para questões atinentes ao patrimônio cultural. Compreende desde a inclusão, nos currículos escolares de todos os níveis de ensino, de temáticas ou de conteúdos programáticos que versem sobre o conhecimento e a conservação do Patrimônio histórico, até a realização de cursos de aperfeiçoamento e extensão para os educadores e a comunidade em geral, a fim de lhes propiciar informações acerca do acervo cultural, de forma a habilitá-los a despertar, nos educandos e na sociedade, o senso de preservação da memória histórica e o conseqüente interesse pelo tema. (SOUZA, 2016, p. 39)

Pensar na relação museu e escola, na perspectiva de educar patrimonialmente, acompanha uma proposta de interdisciplinaridade que abrange mais que a aula, envolve todo o fazer pedagógico.

Minha relação com o Memorial da Balaiada começou ainda quando iniciei a Graduação no CESC/UEMA, no ano de 1997, mesmo ano que se iniciaram as escavações arqueológicas. Desta forma, pude assistir o processo que culminou na construção do espaço para a guarda e divulgação dos resultados daquela escavação, que seria levado adiante com a construção das narrativas sobre a Balaiada, a partir do acervo coletado e da oralidade de caxienses, o que proporcionou que se desvendasse muito sobre a história de Caxias.

Já em exercício na docência, especificamente no ensino de História, a partir da inauguração do Memorial da Balaiada pude experimentar aquele espaço para apresentar aos meus alunos a história sobre a Balaiada e, por extensão, sobre Caxias. A princípio de forma despretensiosa, fazendo apenas visitas, sem roteiro e sem a intenção de avaliar a aprendizagem. Mas com o tempo, passei a promover visitas mais intencionais e em parceria com colegas de outros componentes curriculares, mas ainda não havia a organização daquelas ações educativas, no sentido de ampliarmos as possibilidades de aprendizagem para além do museu.

Entendendo que a prática docente exige de nós ações planejadas e executadas com intencionalidade, pensando a projeção do conhecimento da além dos espaços onde são produzidos, me propus a pensar o espaço do Memorial da Balaiada e suas possibilidades pedagógicas. Para tanto, foi feito o mapeamento das narrativas apresentadas pelo Memorial da Balaiada, através de seus espaços e acervos apresentados no Guia Educativo Narrativas do Memorial da Balaiada.

CAPÍTULO 3

O PRODUTO PEDAGÓGICO: GUIA EDUCATIVO

Uma vez realizada a discussão sobre o Museu Escola Memorial da Balaiada com foco sobre as histórias, projetos e experiências, discutiremos, a partir de agora, de forma mais detalhada, o processo de elaboração do guia educativo produzido.

A princípio, o produto pedagógico pensando foi uma cartilha didático pedagógica que auxiliasse os professores de 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, mas aberta a toda Educação Básica, já que entendemos que os temas de história local podem permear o currículo em todo o ensino, pois experimentar as memórias locais facilita o entendimento da história de forma mais ampla. No entanto, durante o Curso, a humanidade foi acometida pela Pandemia de Covid-19 e nos podou muitos planos, assim na dificuldade de acessarmos a escola (que tiveram seus prédios fechados) e professores (que tiveram que se submeter a quarentena), não pudemos avançar na pesquisa para, então, produzirmos a cartilha pedagógica. A pesquisa, nesse sentido, se limitou ao Memorial da Balaiada e, a princípio de forma remota, em entrevista à Diretora Mercilene Barbosa Torres (via aplicativo de mensagens), através de estudo de produções sobre a instituição e de pesquisas ali realizadas (dissertações, artigos, vídeos e reportagens).

No exame de qualificação, a banca examinadora, considerando as discussões teóricas apresentada no texto, principalmente de Jorn Rusen, sobre a didática na história, e o papel público do saber na formação de consciências históricas críticas – considerando ainda, as dificuldades de acesso à escola e aos professores no atual cenário pandêmico em que vivemos – orientou que o material pedagógico fosse dirigido ao público geral que visita o museu, no qual se incluem também alunos e professores.

No percurso do Mestrado, após a Qualificação, esta pesquisa passou a ter um outro orientador, o Prof. Dr. Jakson Ribeiro dos Santos, que orientou elaborar um guia educativo, seguindo as orientações a Banca Examinadora no Exame de Qualificação. Então, passamos a planejar o guia educativo que deveria agora ser direcionado para os visitantes do memorial: turistas, caxienses, professores e alunos, entendendo que, desse público, os que comumente fazem agendamento para a visita guiada, são as escolas. Vale reforçar o que foi dito anteriormente: o Memorial da Balaiada é um museu escola organizado para receber e promover aprendizado sobre a Balaiada e história de Caxias.

Assim, neste capítulo, apresentaremos a proposta metodológica de construção do produto pedagógico, e os caminhos percorridos no processo de sua elaboração. Inicialmente, está a descrição da Oficina realizada durante a oferta da cadeira Metodologia de Pesquisa em História para Elaboração e Aplicabilidade de Produtos Pedagógicos, que fora ministrada pelo Prof. Dr. Yuri Costa, pois a experiência tornou possível uma primeira reflexão sobre o material que seria produzido e colaborou para as atividades de Leitura de Imagens que compõe o guia educativo. É um roteiro didático para organização de visitas ao museu.

3.1 MICRO-OFFICINA: PROPOSTA LEITURA DE IMAGEM – LUÍS ALVES DE LIMA E SILVA X MEMORIAL DA BALAIADA

Para orientação metodológica objetivando a produção do produto pedagógico, nos foi ofertada, pelo PPGHIST – UEMA, a cadeira Metodologia de Pesquisa em História para Elaboração e Aplicabilidade de Produtos Pedagógicos, que fora ministrada pelo Prof. Dr. Yuri Costa, e, entre as atividades desenvolvidas durante o curso da disciplina, fomos orientados a desenvolver uma micro-oficina para trabalharmos dimensões do produto pedagógico que estamos desenvolvendo. Na oportunidade, propomos como objetivo para a micro-oficina refletir sobre o ensino de história local (de Caxias/MA) a partir do uso de imagens.

Desta forma, desenvolvemos a atividade a partir da seguinte metodologia de aplicação:

- Apresentação e Descrição do Produto Educacional;
- Apresentação de vídeo - Nordeste em Duas Rodas – CAXIAS (Trecho da entrevista com Mercilene Barbosa – diretora do Memorial da Balaiada), disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QoBF7FIQ0yA>;
- Apresentação de imagens para análise (Memorial da Balaiada e Praça Duque de Caxias);
- Análises e sugestões dos professores.

A micro-oficina foi realizada com a intenção de avaliar a possibilidade de inclusão da atividade proposta no produto pedagógico, através das análises e sugestões dos professores. Dessarte, experimentamos a aplicabilidade, ainda que apenas de uma atividade a compor nosso produto, a Cartilha Pedagógica sobre a história de Caxias.

A atividade foi desenvolvida a partir da apresentação da proposta do produto pedagógico, em seguida foi dado andamento à micro-oficina, quando falamos do seu objetivo e da metodologia a ser aplicada.

A micro-oficina foi pensada para os professores de História da rede pública municipal da Caxias/MA das séries finais do Ensino Fundamental, mas foi desenvolvida com os alunos da turma de 2019 do Mestrado Profissional em História do PPGHIST.

A princípio, fizemos a explanação sobre a importância de trabalharmos, nas escolas de Caxias/MA, a história local, esclarecendo que no desenvolvimento desta pesquisa, local é pensado como uma demarcação simultaneamente física e simbólica cuja geometria pode ser variável (o lugar, o grupo social, o bairro, a cidade, a região da qual fazemos parte), entendendo a importância de despertar o reconhecimento, e o pertencimento dos alunos ao espaço de produção do conhecimento como sujeitos do processo histórico.

A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) elencou sete competências específicas de história para o ensino fundamental, dentre elas destacamos duas, a 1ª e a 4ª, a serem contempladas, ainda que parcialmente, na atividade proposta, as quais citamos:

1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.
4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

A partir do entendimento das competências elencadas, abordamos como a temática proposta a ser trabalhada na atividade em análise na micro-oficina, está conectada a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), apresentando unidade temática a ser estudada, objeto de conhecimento a ser explorado e habilidades a serem trabalhadas, conforme tabela:

Tabela 1 - BNCC – História (8º ano - Ensino Fundamental)

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
O Brasil no século XIX	Brasil: Primeiro Reinado O Período Regencial e as contestações ao poder central.	(EF08HI15) Identificar e analisar o equilíbrio das forças e os sujeitos envolvidos nas disputas políticas durante o Primeiro e o Segundo Reinado. (EF08HI16) Identificar, comparar e analisar a diversidade política, social e regional nas rebeliões e nos movimentos contestatórios ao poder centralizado.

Fonte: BRASIL, 2017.

Seguindo o planejado para a micro-oficina, após a apresentação e descrição do Produto Educacional, fizemos a apresentação de vídeo - Nordeste em Duas Rodas – CAXIAS, momento em que vimos apenas o trecho da entrevista com a Prof^a. Mercilene Barbosa – diretora do Memorial da Balaiada.

Depois, realizamos a distribuição de material com imagens para análise do Memorial da Balaiada (fachada), com destaque aos líderes da Balaiada e da Praça Duque de Caxias – com evidência ao busto de Luís Alves de Lima e Silva, no Centro da Praça, entre canhões e, abaixo de um dos canhões, placa que homenageia a Ditadura Militar, nela abordada como Revolução de 1964.

Foi solicitado que os professores fizessem suas análises e sugestões em grupos de três componentes, a partir do seguinte questionamento: como poderíamos usar aquelas imagens numa atividade com os alunos? Cada grupo expôs suas leituras das imagens apresentadas e fizeram sugestões para a atividade.

Ao avaliarmos o desenvolvimento da micro-oficina, um dos grupos, apoiado pelos demais, criticou a apropriação da fala da Diretora do Memorial no vídeo, ao falar de aspectos da História de Caxias sem citar fontes ou referências. Foi observado que o vídeo é comercial e a ideia é apresentar Caxias turisticamente, destacando a história da cidade. Foi observado ainda, a necessidade de termos cuidado com nosso discurso histórico para não incorrerem no risco de defendermos discursos outros que comprometem nosso compromisso com a história. E esta observação deve servir a nossa prática docente e enquanto pesquisadores na produção do produto pedagógico.

Sobre a análise das imagens, observamos a prioridade dada ao busto de Luís Alves de Lima e Silva, em meio a canhões no Centro da Praça cujo nome o homenageia “Duque

de Caxias”, figura que representa o exército e o governo contra os balaios. A imagem demonstra a força do discurso dos opressores ainda nos nossos dias.

A leitura das imagens servirá para que os professores discorram sobre a posição política do exército e dos balaios, e de como o lugar de representação destes legitima um discurso de poder dos que governam.

Foi sugerido, de além de trabalharmos a atividade de imagem – que pode ser introdutória – promover aulas de campo na Praça Duque de Caxias e ao Memorial da Balaiada, na perspectiva de observar e analisar as imagens trabalhadas em sala de aula *in lócus*.

Desse modo, a realização da micro-oficina foi encerrada e, a partir dela, podemos avaliar a viabilidade da atividade proposta e de sua adequação às sugestões dos colegas professores participantes, o que nos leva a considerar a possível construção do produto proposto, a saber, a cartilha pedagógica com sugestão de atividades sobre a História de Caxias pensadas a partir do museu escola Memorial da Balaiada, considerando a relação escola e museu.

O momento de Pandemia nos privou de testarmos a atividade, assim como outras possibilidades, com os docentes de História da rede pública municipal de Caxias, mais especificamente do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, mas essa é nossa pretensão, tão logo seja possível.

IMAGENS ANALISADAS NA MICRO-OFCINA:

Imagem 7: imagem analisada na micro-oficina

Oficina – História local (Caxias/MA)
Imagens para análise

Praça Duque de Caxias – Morro do Alecrim – Caxias/MA



Memorial da Balaiada – Morro do Alecrim – Caxias/MA

Fonte: acervo da autora

Imagem 8: imagem 2 analisada na micro-oficina

Oficina – História local (Caxias/MA)

Imagens para análise

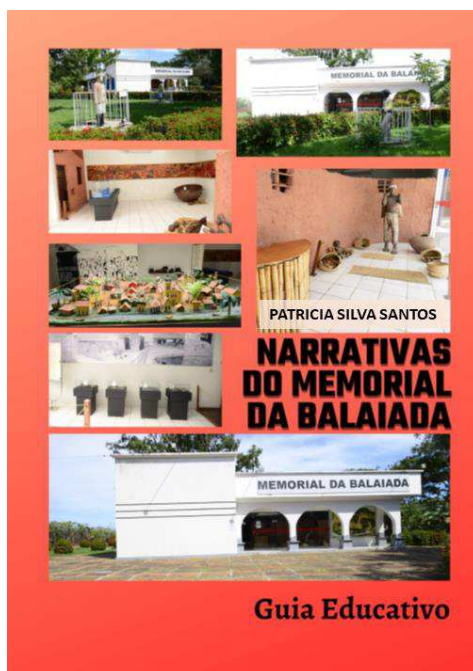


Memorial da Balaiada e Líderes Balaios

Fonte: acervo da autora

3.2 GUIA EDUCATIVO – Narrativas do Memorial da Balaiada: proposta Metodológica.

Imagem 9: Capa do Guia Educativo – Narrativas do Memorial da Balaiada



Fonte: Elaborado pela autora

O produto pedagógico a ser apresentado tem o propósito de dar destaque aos temas sobre história de Caxias através de um guia educativo que sirva de auxílio aos visitantes, professores e alunos, apresentando as narrativas do museu escola Memorial da Balaiada acerca da história da Balaiada e de Caxias.

Por tratar de temas da história local, pouco da nossa proposta estará presente nos livros didáticos, a saber, apenas a Balaiada é abordada. De forma resumida, portanto, para o tratamento dessas temáticas surge a possibilidade de criação de um material pedagógico, não apenas para professores e alunos, mas também para todos que têm a intenção de conhecer e acessar o Memorial da Balaiada.

A elaboração do guia educativo tem como público alvo visitantes, turistas, alunos e professores. Parte do material é voltado para os professores de história dos anos finais do Ensino Fundamental, mas é possível de ser utilizada em todos os níveis da Educação Básica, por entendermos desnecessário estarmos aprisionados ao conteudismo e a necessidade de desvencilharmo-nos da sequência de conteúdos apresentados no livro didático, priorizando o atendimento à necessidade de aprendizagem significativa por nossos alunos.

Para a composição guia proposto estabelecemos os seguintes procedimentos:

- ✓ Levantamento de material bibliográfico e documental sobre a história de Caxias;
- ✓ Mapeamento espacial e administrativo sobre o Memorial da Balaiada;
- ✓ Mapeamento das narrativas do Memorial da Balaiada;
- ✓ Identificação das possibilidades didáticas para abordagem dos temas no ensino de História;
- ✓ Elaboração do roteiro: detalhamento da composição do guia;
- ✓ Seleção da abordagem dos temas;
- ✓ Produção dos textos que compõem o guia;
- ✓ Produção e escolha de imagens;
- ✓ Definição e estruturação da abordagem estética e as características de diagramação para a construção do guia;
- ✓ Revisão conceitual e científica do material produzido;
- ✓ Edição e impressão da cartilha pedagógica;
- ✓ Revisão de redação e edição.

Depois de impressa e apresentada como produto final ao PPGHIST/UEMA, serão estabelecidas estratégias e parcerias para distribuição do guia para o público visitante do Memorial, e para professores dos anos finais do Ensino Fundamental da rede pública, assim como para realização de oficinas de capacitação que proponha a utilização do guia educativo e estudo dos conceitos e categorias apresentadas no material, e orientação de aplicação de atividades propostas.

Pensamos na elaboração de um material com a potencialidade de permitir aos professores, através de uma linguagem acessível, o desenvolvimento de atividades com possibilidades pedagógicas à luz do museu Memorial da Balaiada, atividades estas elaboradas ou reelaboradas a partir da experiência dos professores no ensino de história local.

É preciso absorvermos a importância do ensino de história, para que consigamos ressignificar os conteúdos escolares, fazendo da prática docente compromisso com um ensino problematizador. Assim, destacamos a importância do ensino de história local que tem a função de promover a aprendizagem histórica que acontece a partir do seu lugar para, então, ser ampliado e contextualizado.

Por meio do guia educativo queremos contribuir para a divulgação da História de Caxias - Maranhão.

A metodologia pedagógica utilizada na sua elaboração permitiu a abordagem de temas sobre a História de Caxias e Balaiada, de forma que se tornem acessíveis aos professores de História de Caxias, mais especificamente dos anos finais do Ensino Fundamental, contudo possível de ser aplicadas a diversos níveis da educação básica, tornando-se, assim, uma ferramenta aplicável a prática docente para o desenvolvimento de atividades no ensino de história local.

3.2.1 ESTRUTURA DO PRODUTO PEDAGÓGICO: Guia Educativo – Narrativas do Memorial da Balaiada.

O material objetiva auxiliar os visitantes ao Memorial da Balaiada em Caxias – Maranhão, possibilitando-lhes um melhor entendimento das narrativas desse museu escola, apresentando o Memorial da Balaiada e as possibilidades de aprendizagens através do circuito de visita ofertado pelo museu, que trata prioritariamente da História da Balaiada, principal narrativa retratada naquele espaço, mas também terá acesso a outras narrativas sobre a História da cidade.

A abordagem dos temas acontece por meio de textos, imagens e ilustrações sobre as narrativas apresentadas, além de propor reflexões para o visitante e atividades a serem trabalhadas pelos professores em seus projetos de visita ao Memorial.

3.2.2 COMO FICOU ESTRUTURADO O MATERIAL?

➤ Sejam bem-vindos (as)!

A personagem Merci (que representa a Diretora do Memorial da Balaiada, Mercilene Barbosa Torres) dá as boas-vindas e convida o público a uma interessante visita ao Memorial, quando apresentará as narrativas construídas pelo Memorial da Balaiada acerca da Balaiada e da história de Caxias, baseado em bibliografia disponível, principalmente quanto a Balaiada, e na história oral.

➤ Memorial da Balaiada

Apresenta o Memorial da Balaiada, falando de sua origem, a qual se deu a partir das escavações do sítio arqueológico que corresponde a área onde está o museu, de sua função social enquanto museu escola, e seu objetivo: descrever a história da Guerra da

Balaiada em seu maior confronto, em terras caxienses. No entanto, o Memorial não se limita apenas a este tema, abordando a história da Caxias de forma mais ampla.

➤ **A Visitação**

O leitor é informado de como ocorre o processo de visita ao Memorial, que pode ocorrer de forma espontânea - através da chegada voluntária do visitante ao museu, ou por agendamento, comum aos grupos, principalmente escolares. Em ambos os casos, a visita ocorre de forma guiada, a não ser que o visitante dispense o guia.

➤ **Roteiro de Visita**

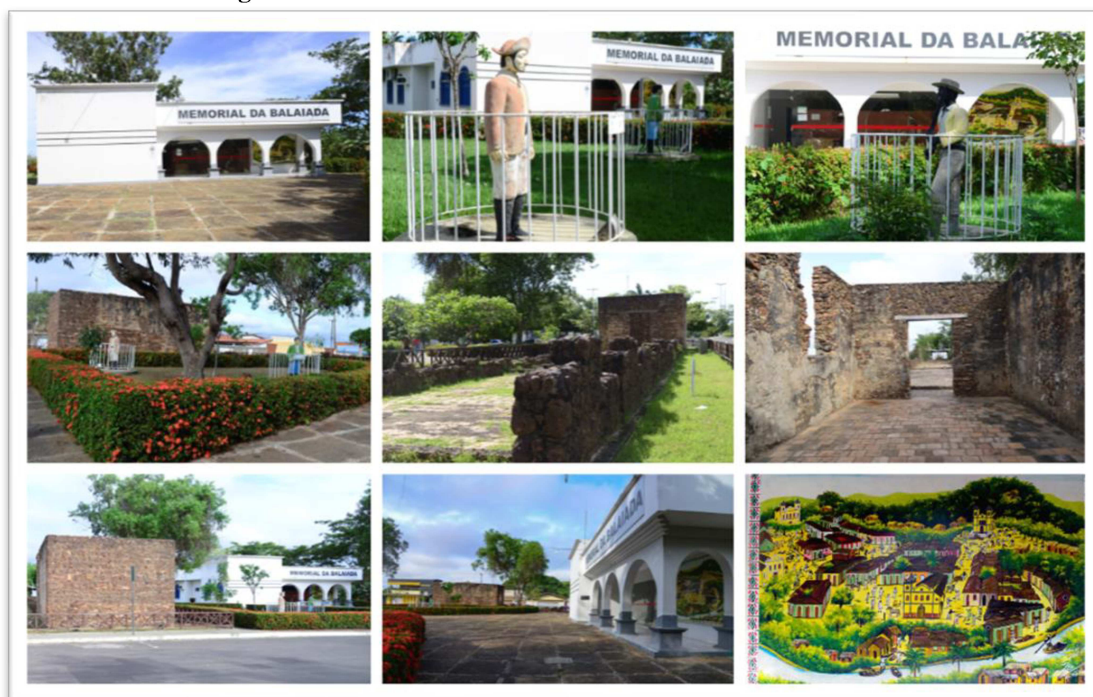
A museóloga Marília Colnago Coelho Pires, responsável pela elaboração do circuito de visita e exposição do acervo, afirma ter uma intenção na forma em que as peças estão dispostas, assim como na arrumação do espaço.

O Memorial tem seu circuito de visita iniciado na área externa onde estão as estátuas dos líderes da Balaiada, no jardim. Depois, segue-se para a Praça Duque de Caxias, onde está a estátua (busto) de Luís Alves de Lima e Silva, opressor da Balaiada, em meio a dois canhões. Então, o visitante é conduzido às Ruínas do Quartel. A partir de então, já no prédio do Memorial, mas ainda na área externa, vislumbramos um painel que fala sobre a chegada dos balaios a Caxias.

O circuito continua com a visitação da parte interna do Memorial. Na recepção, temos um balaio (artesão que trabalha com palha na confecção de balaio), na sala principal, podemos encontrar, a princípio, armamentos; utensílios – como chaves e broches; objetos de tortura do período da escravidão, em sua maioria, resultantes da escavação no sítio arqueológico que deu origem ao Memorial da Balaiada, na área que hoje o museu ocupa. Adiante, temos a xilogravura de Tita do Rego, que conta 200 anos de história de Caxias, trabalho baseado principalmente na oralidade. Continuando o circuito, temos a casa de taipa com a estátua de um balaio arrodado por cestos e balaios, representando o trabalho daquele artesão e sua moradia. Logo, os visitantes são encaminhados à maquete, ao centro da sala, que representa a chegada dos balaios a Caxias. Ao fundo, contamos com um espaço onde está representada uma sala de estar da elite caxiense do século XIX, no entanto, o espaço encontra-se desocupado por necessidade de uma reforma para garantir a integridade das peças expostas. No circuito,

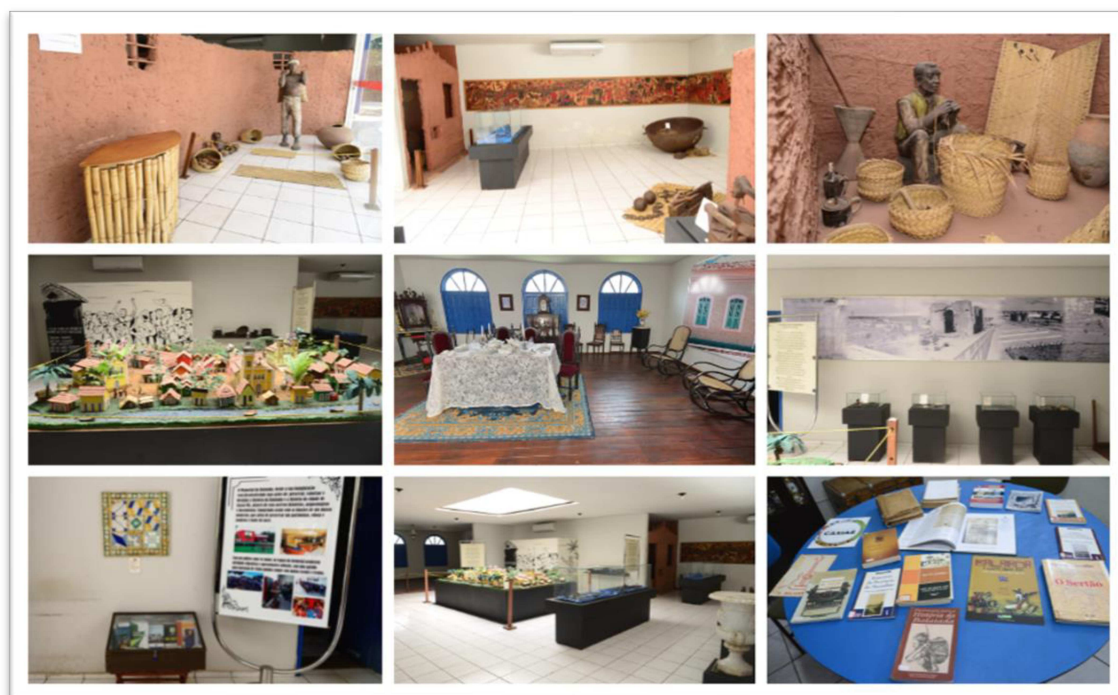
encontramos mais peças do acervo em mostruários, como pedaços de louças, ossos, balas e armamentos.

Imagem 10: Roteiro de visita ao Memorial da Balaiada: Área Externa



Fonte: elaborada pela autora

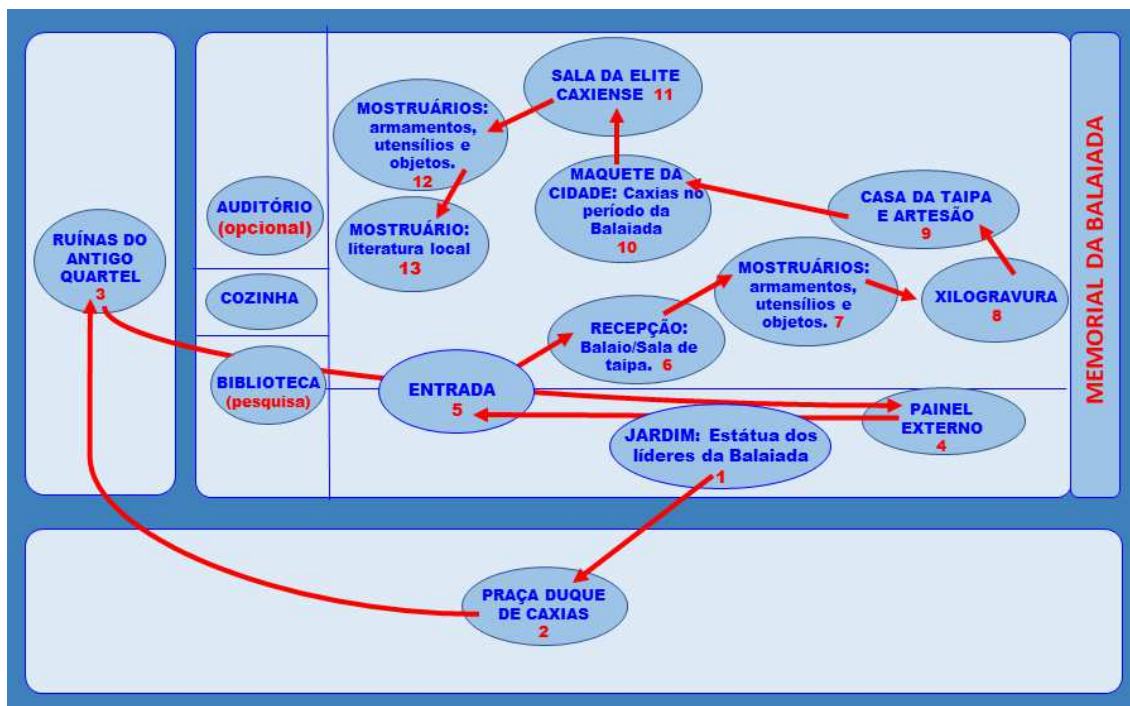
Imagem 11: Roteiro de visita ao Memorial da Balaiada: Área Interna



Fonte: elaborada pela autora

Para melhor entendimento do roteiro de visita, foi elaborada uma imagem com a divisão dos espaços do museu escola Memorial da Balaiada, incluindo a área visitada externa e internamente.

Figura 3: Roteiro de Visita ao Memorial da Balaiada



Fonte: elaborada pela autora

3.2.3 MAPEANDO ESPAÇOS E NARRATIVAS

➤ História “Estatizada”

A descrição considera a representação dada aos líderes da Balaiada por meio de estátuas a frente do Memorial da Balaiada, assim como a representação dos balaios dentro de prédio do museu.

Na entrada, na lateral direita do prédio do Memorial, está uma estátua que representa um artesão em meio ao balaio (cesto feito de palha) - símbolo da Balaiada, em sua casa de taipa (construção com paredes feitas de barro), que nos remete a ideia do sertão apregoado comumente.

Na parte externa, à frente do Memorial da Balaiada, em seu jardim, estão as estátuas dos líderes da Balaiada e estas são apresentadas durante a visita ao museu: Raimundo Gomes Vieira (Cara Preta), Lívio Lopes Castelo Branco, Cosme Bento das

Chagas (Negro Cosme), e o lugar da estátua de Manuel Francisco dos Anjos Ferreira - o Balaio (a escultura foi quebrada por acidente natural e ainda não foi repostada).

Em frente ao Memorial, tem a Praça “Duque de Caxias”, inaugurada pelo então Prefeito Tenente Aluísio Lobo, que a nomeou homenageando a figura do opressor (visto por ele como o “redentor”, talvez por causa de sua patente) da Balaiada, Luís Alves de Lima e Silva.

Ao centro da Praça está seu busto esculpido, em meio a dois canhões, um confirmadamente vindo da Europa. O cenário leva-nos a refletir sobre a força do discurso dos opressores ainda nos nossos dias, pois as estátuas dos líderes daqueles que representam os oprimidos na Balaiada encontrarem-se cercadas, remetendo-nos a ideia de opressão e marginalização.

➤ **As Ruínas do Quartel**

Nesta parte, é descrita as Ruínas do Quartel que fica ao lado do Memorial da Balaiada onde ficou alojada a Tropa Legalista do Norte, liderada pelo Coronel Luís Alves de Lima e Silva, quando este veio enviado pelo Império para conter a revolta dos balaios.

O Quartel foi construído em 1823, e serviu para abrigar a tropa liderada pelo Major João José da Cunha Fidié, que veio a Caxias combater o movimento que se opunha à adesão de Caxias à Independência. Foi erguido por mão de obra escrava (naquele período usava-se óleo de baleia) e construído estrategicamente no Morro do Alecrim, um dos pontos mais altos da cidade e abrangia uma grande área, inclusive a área onde está o Memorial da Balaiada. Media 27 metros de comprimento e 17 metros de largura, com vários cômodos: sala de comando, refeitório, dormitórios, sala de armamentos. O prédio comportava cerca de cem praças.

➤ **Acervo**

O acervo do museu possui mais de 350 peças de artefatos arqueológicos, resultante das escavações realizadas no ano de 1997: restos de armamentos - balas de chumbo, projéteis; botões e fivelas dos militares, instrumentos de castigo dos escravizados; louças; pregos e dormentes encontrados no Quartel e ossos das pessoas que morreram durante a Balaiada, aqui em Caxias.

O Memorial apresenta mobiliário do século XIX retratando uma casa do período: louças portuguesas, oratórios e cristaleiras, piano, um quadro do poeta Gonçalves Dias –

pintado por um artista francês, no ano de 1865 – foto de uma casa caxiense de azulejaria portuguesa. O espaço dedicado a essas peças encontra-se em destaque ao fundo da sala principal do museu, o que nos inquieta, já que o espaço propõe contar a história da Balaiada pelo olhar dos excluídos.

➤ **Painéis**

XILOGRAVURA

Outra forma de narrar a história de Caxias apresentada pelo Memorial da Balaiada é através da xilogravura de Tita do Rego, obra de 9 metros intitulada “*A Balaiada em Caxias*”, que retrata dois séculos da história de Caxias.

A xilogravura trata, em sua extensão, dos seguintes aspectos da história e cultura de Caxias:

- ✓ POESIA – as palmeiras citadas no poema *Canção do Exílio*, do poeta caxiense Gonçalves Dias;
- ✓ ORIGEM – as tribos indígenas Timbiras, Gamelas e Guanarés, que habitaram as terras caxienses; o Rio Itapecuru (*Caminho da Pedra Grande*) denominação dada pelos indígenas.

✓ LENDAS

Sereia Prasilina:

Sereia que tinha os cabelos de ouro, quem chegasse a conseguir fios de seus cabelos, não poderia dizer como, senão seria castigado.

Senhor do Engenho D'Água:

Conta a lenda da escravizada desejada por seu senhor, que a prendeu num pelourinho por não o querer. O senhor, mesmo casado, com filhos e recebendo a súplica das pessoas que viam a escravizada presa, persistia em fazer com que a moça o quisesse, a ponto de dizer, olhando para cima, que nem Jesus descendo do céu a libertaria. Após dizer isso, um raio caiu sobre sua cabeça, cortando-o ao meio e quebrando a corrente que prendia a escravizada. A partir de então, a esposa dele nunca mais olhou a luz do sol e sempre usava grande chapéu.

- ✓ PESCA – através de pescadores as margens do Itapecuru, prática comum e próspera à época; aparecem as lanchas, destacando a navegabilidade do Rio Itapecuru.

- ✓ BALAIADA – na xilogravura aparece à chegada dos balaios a Caxias em 1º de julho de 1839 e, logo após, fundam a junta governativa.
- ✓ AS IGREJA SECULARES – representada através da Igreja Nossa Senhora de Nazaré, primeira Igreja construída em Caxias, porém não é a mais antiga, haja vista ter desmoronado e reconstruído outro templo no mesmo lugar.
- ✓ LOCOMOÇÃO – charrete, caracterizava a mobilidade da classe abastarda pela cidade.
- ✓ COSTUMES – ilustração de um defunto sendo levado numa rede para o cemitério, enquanto era espancado. Esse ritual era para que o defunto se desapegasse dos bens materiais, arrependesse dos seus pecados e não aparecesse nos sonhos dos vivos (Profa. Mercilene Barbosa); mulheres lavadeiras com as trouxas de roupas na cabeça, próximas ao Rio Itapecuru, mulheres pisando arroz, mulheres vendedoras de doces; referência das fazendas de gado do Prata e Seco (fazendas constantes na oralidade, mas que não se sabe localização no espaço caxiense); artesãos confeccionando balaios, símbolo do movimento da Balaiada.

PAINEL EXTERNO – A chegada dos balaios a Caxias

O painel, que fica na parte externa da parede frontal do Memorial, representa a cidade de Caxias durante a chegada dos balaios, em 1º de julho de 1839. No painel podem ser observadas quatro igrejas, as quais passaram a ser denominadas igrejas da Balaiada: Igreja Nossa Senhora dos Remédios, a Catedral; Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos; Igreja de São Benedito; e Igreja de Nossa Senhora da Conceição e São José, a Igreja da Matriz – estes são locais onde os balaios se esconderam para se proteger durante os confrontos da Guerra. No painel aparece o Morro do Alecrim, que no passado foi chamado Morro das Tabocas e Morro da Pedreira, onde hoje estão as ruínas do quartel da Balaiada, ficaram os soldados da tropa legalista do Norte, conduzidos pelo coronel Luís Alves de Lima e Silva.

Observamos também: os canhões utilizados no período da Guerra da Balaiada; o Rio Itapecuru, usado pelos balaios tanto para chegarem, como para fugas; as ruas da cidade de Caxias por onde eles transitaram nas batalhas; diversos casarões e casarios com azulejaria portuguesa, que reflete o poderio que a cidade de Caxias tinha nos séculos XVIII e XIX, alguns desses casarões e casarios ainda permanecem, até então.

No painel é retratado o ataque dos balaaios, em frente à Igreja Catedral, dando a perceber quando a guarda nacional foi derrotada pelos balaaios. É perceptível também vários casebres de palha no entorno da cidade.

A obra foi feita pelo artista José Arnaldo, quando este era estudante da UEMA, sendo restaurado posteriormente pelo pintor caxiense também Paulo Souza.

➤ **Maquete**

Ao centro do espaço do Memorial da Balaiada, encontra-se a maquete desenvolvida pelo artista caxiense Deusiano Gomes, que apresenta a antiga disposição arquitetônica da cidade através das Igrejas e dos casarios (dos quais, alguns resistem até hoje) e narra a chegada dos balaaios a Caxias. O Rio Itapecuru aparece representando sua importância para a cidade, principalmente por sua navegabilidade naquele período, visto que, através dele, balaaios adentraram a cidade.

➤ **Sala da Elite Caxiense**

Ao fundo do espaço do Memorial, é representada a sala de estar de uma família da elite caxiense dos séculos XIX e XX. A sala foi organizada de maneira que o visitante, ao visualizá-la, possa observar como morava a elite caxiense, principalmente pessoas de origem portuguesa.

A sala de estar contém: um piano da família do Coronel Cesário Lima; uma mesa com porcelanas do século XIX, as louças são portuguesas e inglesas; um oratório com imagens do século XIX, já que a maioria das famílias eram católicas; um quadro do poeta Gonçalves Dias, pintado por um artista francês – Vincent Edward Vienout – no ano de 1865; um baú onde era guardado enxovais, principalmente de noivas; uma mala antiga; um grande painel onde é retratada uma casa que fica situada a Praça Cândido Mendes, conhecida como Praça da Matriz onde fica situada a Igreja matriz “Nossa Senhora da Conceição e São José”, a fotografia foi tirada por Joselino Félix; fotografias de famílias da elite caxiense, como de Dona Josina Caldas e do Senhor Raimundo Vilanova; um pitisqueiro (armário) que contém várias louças do século XIX e início do século XX; cadeiras de palhinha demonstrando um tipo de cadeira usada na época, a mesa contém cadeiras com molduras.

As pessoas, que chegam ao Memorial da Balaiada, podem perceber o contraste da vida da elite caxiense em relação a vida dos balaaios, retratada naquele mesmo espaço

através de uma casa de taipa de origem africana do século XVII, com objetos rústicos e simples da época, e nela, um fazedor de balaio e outros objetos artesanais feito de palha, enquanto a sala de estar mostra ostentação e poder econômico daquela elite no período em que muitos eram explorados.

➤ **Auditório**

No Memorial da Balaiada são realizadas várias atividades – apresentações culturais, seminários, palestras educacionais e informativas – servindo a comunidade, grupos culturais e instituições, principalmente educacionais de educação básica e superior. Nesse contexto de Pandemia de Covid-19, o auditório foi utilizado para reunião acerca da vacinação.

O auditório é cedido gratuitamente, mesmo para instituições privadas, mas é imposto critérios para utilização do espaço para garantia de conservação e preservação do espaço, e a direção destaca que o local não é usado para política partidária e fins eleitoreiros.

➤ **Acervo Bibliográfico**

Há um acervo bibliográfico no Memorial da Balaiada, no qual se baseiam as narrativas do museu e onde estudantes podem pesquisar sobre a História da Balaiada. Carlota Carvalho, Astolfo Serra, José Gonçalves de Magalhães, Maria Januária Vilela Santos, Maria de Lourdes Janotti, Claudete Dias, são alguns dos autores que compõem este acervo. Encontramos também produções acadêmicas sobre a História da Balaiada e de Caxias, principalmente de acadêmicos da Universidade Estadual do Maranhão.

3.2.4 NARRATIVAS DO MEMORIAL DA BALAIADA E A HISTÓRIA DE CAXIAS

Mapeados e descritos historicamente, os espaços do Memorial da Balaiada, partimos para as narrativas construídas por essa instituição museológica, a partir da bibliografia disponibilizada e por meio da oralidade. Consideramos aspectos da história local narrada, entendendo a Balaiada como tema prioritário do Memorial.

1. ORIGEM DE CAXIAS

A cidade de Caxias tem sua história narrada a partir do século XVII, quando ainda habitada por comunidades indígenas dos Timbiras e dos Gamelas, vê a chegada do

Movimento de Entradas e Bandeiras que vem ao interior maranhense e adentram as terras às margens do Rio Itapecuru, com os missionários religiosos que pretendiam converter almas a fé cristã católica, durante a invasão francesa no Maranhão. As comunidades indígenas foram subjugadas e dizimadas, quando portugueses estabeleceram-se em Caxias.

Várias foram as denominações recebidas por Caxias antes de se tornar cidade, dentre as quais: Guanaré - denominação indígena; São José das Aldeias Altas; Freguesia das Aldeias Alta; Arraial das Aldeias Altas; Vila de Caxias – quando foi elevada à categoria de vila, em 31 de outubro de 1811. Até que, em 05 de julho de 1836, foi elevada à categoria de cidade e recebeu a denominação de Caxias, através da Lei Provincial, número 24.

Segundo o poeta caxiense, Wybson Carvalho, a grafia "Cachias" é portuguesa e refere-se a Quinta Real que existia nos arredores de Lisboa perto de Oeiras (Portugal), outra bonita quinta do Márquez de Pombal. “O nome Caxias representa palmáceas que dão flores em cachos. Então, a denominação vem daí”, explica Wybson Carvalho. Assim, ao contrário do que muita gente pensa, o nome Caxias não se atribui a Luís Alves de Lima e Silva, é este que recebe o título de Barão de Caxias do imperador D. Pedro II, após ter estado na cidade para reprimir os balaios.

2. A BALAIADA

A Balaiada é narrada como a Revolta de “mestiços”, “escravos”, sertanejos, vaqueiros, “índios” e brancos pobres que lutavam por melhores condições de vida, essa luta durou três anos (de 1838 a 1841), conflito este que ocasionou mais de dez mil mortes. Na Revolta, destacaram-se quatro líderes: o vaqueiro Raimundo Gomes Vieira (Cara Preta - que tem maior destaque); Lívio Lopes Castelo Branco (jornalista piauiense); Cosme Bento das Chagas (Negro Cosme - líder das liberdades Bem-te-vi (Bem-te-vi era um partido liberal que se contrapunha ao partido conservador Cabanos)); e Manuel Francisco dos Anjos Ferreira (o Balaio – que deu nome à revolta).

A Revolta iniciou-se em 1838, na Vila da Manga, atual Nina Rodrigues, aqui em nosso Estado, quando Raimundo Gomes Vieira, acompanhado por um grupo de vaqueiros, adentra a vila para inicialmente libertar seu irmão.

Os balaios adentram a cidade de Caxias no dia 1º de agosto de 1839, segunda cidade mais importante do Estado naquele período. No mesmo ano, o Cel. Luís Alves de

Lima e Silva é designado pelo governo central e aqui, com suas tropas, executou milhares de baiaios em nome dos interesses do Império.

A Balaiada não se finda em Caxias, os rebeldes que sobreviveram a batalha de Caxias passaram a ser liderados por Negro Cosme e seu numeroso grupo de escravos avançando para o Estado do Piauí. Manuel dos Anjos morreu em combate, Raimundo Gomes foi preso, o líder, Lívio Lopes Castelo Branco, fugiu. Alguns baiaios refugiaram-se no Ceará.

Os revoltosos que ainda restaram do grupo aceitaram a anistia decretada por D. Pedro II, quando este assumiu o Império. Cosme e seu pelotão continuaram lutando e, em 1841, os governos do Maranhão e Piauí anunciaram a “pacificação” de suas províncias. Negro Cosme foi preso e condenado à forca em 1842.

3. ADESÃO À INDEPENDÊNCIA

A narrativa do Memorial da Balaiada sobre a Adesão de Caxias à Independência é baseada César Augusto Marques, e se dá na visita às Ruínas do Quartel.

A cidade vivia sob julgo dos portugueses e, por isso, só aderiu a Independência apenas em 1823, após confronto entre portugueses, representados por João José da Cunha Fidié, e brasileiros, representados por major Salvador Cardoso de Oliveira e João da Costa Alecrim – que comandavam as tropas independentes, no dia 1º de agosto de 1823. No dia anterior, dia 31 de julho d 1983, havia ocorrido uma sessão extraordinária da Câmara Municipal, na Capela de Nossa Senhora dos Remédios, tendo participado dessa sessão o clero, a nobreza, o povo e os sitiante comandados.

4. CULTURA

➤ POETAS

Caxias, além do título de Princesa do Sertão Maranhense, é tida como a “Terra Dos Poetas”, por ser berço de renomados poetas como: Gonçalves Dias, Coelho Neto, Vespasiano Ramos, Teófilo Dias, entre outros.

Na atualidade, poetas como Wybson Carvalho, Renato Meneses, Silvana Meneses, Jorge Bastiani, Joseane Maia, Íris Mendes, entre muitos outros nomes que representam nossa literatura.

A pouco tempo, perdemos o jovem poeta, Francisco de Assis Carvalho da Silva Junior, (Carvalho Junior), que faleceu por complicações após ter contraído a Covid-19,

mas deixou uma belíssima contribuição a poesia caxiense. Um de seus poemas em homenagem a sua terra Caxias, encontra-se neste material.

➤ LENDAS

As lendas caxienses, contadas no Memorial da Balaiada, são de fontes orais, das quais podemos citar Manoel de Páscoa Medeiros Teixeira, conhecido por Professor Passinho, que muito conhecia sobre a História de Caxias. Além da lenda da Sereia Prisolina e a lenda do Senhor do Engenho D'Água, no Memorial da Balaiada são narradas ainda, a lenda da Serpente da Igreja do Rosário, lenda das Palmeiras da Praça Gonçalves Dias, entre outras.

3.2.5 PARA O(A) PROFESSOR(A)

Imagem 12 – Capa: Para o(a) Professor(a)



Fonte: Elaborada pela autora

Nessa sessão, o material passa a ser direcionado objetivamente para o (a) professor (a), com orientação de como pode ser pensada e planejada uma visita ao museu, além de sugestão de atividades ligadas a esta ação pedagógica e a proposta de leituras de imagem

com reflexões sobre o espaço narrativas e personagens apresentadas pelo Memorial da Balaiada.

As atividades propostas estão articuladas as unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades para História no Ensino Fundamental – anos finais – da BNCC, quando orienta que:

O processo de ensino e aprendizagem da História no Ensino Fundamental – Anos Finais está pautado por três procedimentos básicos:

1. Pela identificação dos eventos considerados importantes na história do Ocidente (África, Europa e América, especialmente o Brasil), ordenando-os de forma cronológica e localizando-os no espaço geográfico
2. Pelo desenvolvimento das condições necessárias para que os alunos selecionem, compreendam e reflitam sobre os significados da produção, circulação e utilização de documentos (materiais ou imateriais), elaborando críticas sobre formas já consolidadas de registro e de memória, por meio de uma ou várias linguagens.
3. Pelo reconhecimento e pela interpretação de diferentes versões de um mesmo fenômeno, reconhecendo as hipóteses e avaliando os argumentos apresentados com vistas ao desenvolvimento de habilidades necessárias para a elaboração de proposições próprias. (BRASIL, 2017, p. 418)

A sessão voltada para o (a) professor (a) ficou organizado da seguinte forma:

ATIVIDADE PROPOSTA I

• VISITA AO MUSEU

Ao pensarmos em ações educativas que associem museu e escola, logo nos vem a visita ao museu. Está é uma ação plausível e necessária – a relação museu e escola – mas precisa ser desenvolvida de forma criteriosa, como deve ser toda atividade pedagógica.

Para uma visita ao museu, sugerimos seguir as seguintes etapas:

ANTES DA VISITA:

1 – Planejamento - como toda prática pedagógica exige, para o desenvolvimento de ações educativas que associem museu e escola, precisamos planejar a ação educativa descrevendo objetivos e cada etapa a ser desenvolvida;

2 – Ter contato com o museu – o docente deve conhecer o museu com antecedência, apresentar intenção da ação (atividade) e perceber em quais pontos o museu contribuirá para os propósitos estabelecidos;

3 – Preparar os alunos – sensibilizar os alunos para a visita, ressaltando a importância dos museus e apresentando especificamente o museu a ser visitado.

Figura 4: Antes da visita

Fonte: Elaborada pela autora

Afirma-se, portanto, a importância de parceria entre as instituições educativas, uma parceria permanente, e não somente efetivada em momentos de visitação. Dessa forma, a escola poderá inseminar o museu com ideias, demandas e sugestões, e o museu poderá enriquecer a escola com desafios, situações inovadoras, propostas... Quanto mais estimularmos essa interface, mais chances de criação, pelo museu e pela Escola, de estratégias e situações compartilhadas. Os princípios, nesse caso, são diálogo e ação compartilhada. (PEREIRA, 2007, p.66)

Consideramos que a relação museu-escola deva ser permanente, e não apenas nas visitas e pode transpor o ensino de história, assim:

- Pode haver a integração de vários professores na promoção de atividades multidisciplinares;
- A visita educativa deve ter objetivos claros, que contemple as especificidades escolares e os pressupostos;
- Um plano de visita que atenda a proposta construída pelo docente deve considerar a faixa etária, o número alunos participantes e as estratégias pedagógicas;
- Na preparação dos alunos para a visita, desenvolver atividades na escola, que ressalte a importância dos museus, sua função e falar, especificamente, do museu a ser visitado e de sua história, tema que aborda, além de, se possível, estabelecer indagações e questionamentos que possam ser esclarecidos durante a visita. Nesse momento de preparação e sensibilização dos alunos para a visitação ao museu, aproveitar para dar esclarecimentos e orientações de como o aluno deverá se portar, recomendações tais como as relacionadas:
 - ✓ A movimentação e deslocamento no museu – o aluno deverá seguir as orientações e comandos do agente educativo (ou guia);
 - ✓ Não tocar nas peças do museu, a não ser que permitido e orientado pelo agente educativo;

- ✓ Não falar durante a explanação do tema feita pelo professor ou agente educativo, ou pessoa responsável por esta ação;
- ✓ Falar quando solicitado pelo professor ou agente educativo, para responder as perguntas ou fazê-las, para emitir opinião ou contribuir com a explanação;
- ✓ Não se alimentar antes do momento reservado para o lanche e no local adequado (caso conste na programação).

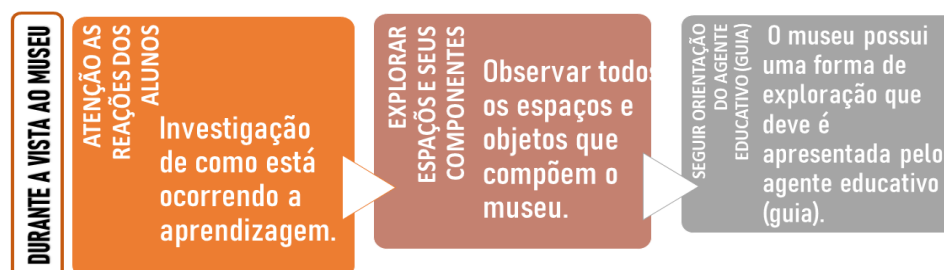
DURANTE A VISITA:

1 - As reações dos alunos - a postura dos educadores durante a visita é de extrema relevância, pois é preciso que estejam atentos aos alunos durante a visita para perceber o que desperta maior curiosidade, dúvida, admiração, atenção, a fim de aproveitar estas reações para aguçar a aprendizagem;

2 – Explorar os espaços do museu e seus componentes – promover a exploração de todos os espaços do museu e observação, não apenas dos objetos dos acervos, mas também de todos os elementos que compõem os espaços daquele ambiente;

3 – Seguir as orientações dos agentes educativos (ou guias) do museu, que conduzirá a visita de acordo com a proposta apresentada na visita prévia feita pelo professor.

Figura 5: Durante a visita



Fonte: elaborada pela autora

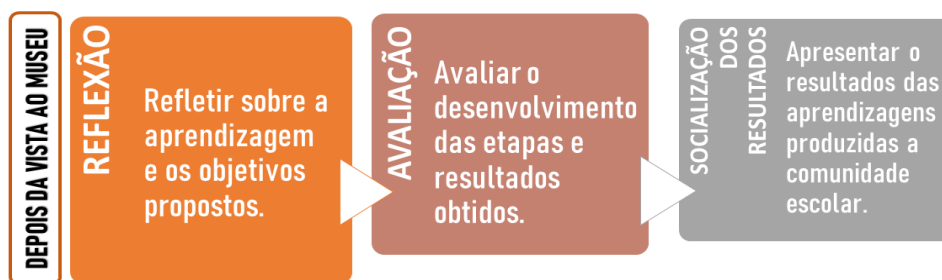
Explorar a linguagem do museu e seus recursos, como claro e escuro, luzes, sons, disposição dos objetos, sequência dos objetos e ambientações, além dos discursos das exposições. Chamar a atenção para os textos de apoio, painéis explicativos e recursos multimídia. Oportunizar que os/as alunos/as façam seus roteiros perceptivos, sendo também sujeitos de sua visita. (PEREIRA, 2007, p. 70)

DEPOIS DA VISITA:

1 – Reflexão – a ação educativa não encerra com a visita, o processo de aprendizagem continua através da reflexão e avaliação da visita ao museu, para perceber os pontos positivos e negativos;

- 2 – Avaliação – os professores promotores e participantes precisam avaliar o desenvolvimento da ação educativa, observando o que fora alcançado entre os objetivos pensados na proposta apresentada ao museu e aos alunos, refletindo sobre as etapas e aspectos pensados no planejamento e, sobretudo, acerca do processo de aprendizagem dos alunos em sua relação com o museu, principal objetivo a ser proposto e alcançado;
- 3 – Socialização dos resultados – propor atividades com a intenção de expor os resultados das aprendizagens construídas através da visita ao museu.

Figura 6: Depois da visita



Fonte: elaborada pela autora

Propor atividades em sala de aula que despertem no aluno a reflexão das aprendizagens adquiridas, destacando pontos positivos e negativos da ação educativa (visita ao museu).

Sugerimos como atividades para a reflexão e avaliação da visita ao museu como ação educativa:

- Diálogo com os alunos, instigando-os a falarem acerca da visita ao museu, sobre os aspectos que mais os chamaram a atenção e destaques aos pontos negativos e positivos;
- Elaboração de sínteses;
- Elaboração de mapas mentais;
- Produção de relatórios (com estrutura designada pelo professor);
- Confeção de maquetes do museu por grupos de alunos, que podem ser instruídos a reproduzir partes tanto internas como externas;
- Produção de cartazes com ilustrações;
- Exposição de fotos e vídeos;
- Apresentação das aprendizagens à comunidade escolar.

ATIVIDADE PROPOSTA II

✚ LEITURA DE IMAGENS

- Público Alvo: professores e alunos de História dos anos finais do Ensino Fundamental

A princípio, fazer a explanação sobre a importância de trabalharmos nas escolas de Caxias/MA a história local, esclarecendo que no desenvolvimento desta pesquisa, local é pensado como uma demarcação simultaneamente física e simbólica cuja geometria pode ser variável (o lugar, o grupo social, o bairro, a cidade, a região na qual fazemos parte), entendendo a importância de despertar o reconhecimento e o pertencimento dos alunos ao espaço de produção do conhecimento como sujeitos do processo histórico.

A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) elencou sete competências específicas de história para o ensino fundamental, dentre elas destacamos duas, a 1ª e a 4ª, a serem contempladas, ainda que parcialmente, na atividade proposta, as quais citamos:

1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.
4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

A partir do entendimento das competências elencadas, abordamos como a temática proposta a ser trabalhada na atividade em análise na micro-oficina, está conectada a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), apresentando unidade temática a ser estudada, objeto de conhecimento a ser explorado e habilidades a serem trabalhadas, conforme tabela:

Figura 7 - BNCC – História (8º ano Ensino Fundamental)

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
O Brasil no século XIX	Brasil: Primeiro Reinado O Período Regencial e as contestações ao poder central	(EF08HI15) Identificar e analisar o equilíbrio das forças e os sujeitos envolvidos nas disputas políticas durante o Primeiro e o Segundo Reinado. (EF08HI16) Identificar, comparar e analisar a diversidade política, social e regional nas rebeliões e nos movimentos contestatórios ao poder centralizado.

Fonte: BRASIL, 2017.

Atividade 1:

- Procedimentos:
 - ✓ Apresentação de imagens para análise (Memorial da Balaiada e Praça Duque de Caxias);

Imagem 13: Imagem para análise – Memorial da Balaiada e Líderes Balaios



Fonte: Acervo da autora.

Imagem 14: Imagem para análise - Busto de Luís Alves de Lima e Silva na Praça



Fonte: Acervo da autora.

- ✓ Descrição dos personagens;
- ✓ Conversação sobre a narrativa e representação dos personagens descritos.
- Desenvolvimento:

Ao encaminhar a análise das imagens, é importante observar o destaque dado ao busto de Luís Alves de Lima e Silva, em meio a canhões no Centro da Praça cujo nome o homenageia “Duque de Caxias”, figura que representa o exército e o governo contra os balaios. A imagem demonstra a força do discurso dos opressores ainda nos nossos dias.

A leitura das imagens servirá para que os professores discorram acerca da posição política do exército e dos balaios, e sobre como o lugar de representação destes legitima um discurso de poder dos que governam.

Atividade 2:

- Procedimentos:
 - ✓ Apresentação de imagens para análise (Casa de Taipa do Balaio e Sala de Estar da Elite Caxiense no Século XIX);

Imagem 15: Imagem para análise – Casa de taipa do balaio – interno e externo



Fonte: Fotografia Eduardo Dudu

Imagem 16: Imagem para análise - Sala de estar da elite caxiense – Século



Fonte: <http://www.memorialvirtual.com/>

- ✓ Descrição dos espaços;
- ✓ Conversação sobre a narrativa e representação dos espaços descritos.
- Desenvolvimento:
 - Encaminhar a análise das imagens, observando a posição que a sala de estar tem dentro do museu dedicado a narrar a história da Balaiada em contraste a moradia dos desfavorecidos economicamente (pretos, artesãos, vaqueiros e brancos pobres).

A leitura das imagens tem objetivo de refletir sobre a situação de desigualdade social vivida no Maranhão no século XIX, para entendimento das razões socioeconômicas que culminaram na Balaiada.

3.2.6 SUGESTÃO DE LEITURAS E MATERIAL DE APOIO:

Memorial da Balaiada:

GOMES, Vanda Marinha Silva. **Educação e ação cultural: memorial da Balaiada, Caxias - Maranhão** [manuscrito]. – 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpi.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1646/RELAT%C3%93RIO%20FINAL%20VANDA%20GOMESdisserta.pdf?sequence=1>

SOUSA, G. A. **A Cidade e o Museu: Memorial da Balaiada e sua Importância para a Memória Histórica de Caxias (MA)**. In: Salânia Maria Barbosa Melo; Joana Batista de Souza; Denise Cristina da S, C, Salazar. (Org.). *Esquinas do Tempo e Narrativas de Caxias*. E77ed. Teresina PI: Edufpi, 2017, v. 4, p. 191-222. Disponível em: http://www.congressohistoriajatai.org/2016/resources/anais/6/1471011531_ARQUIVO_Geanepdfartigo.pdf

Caxias

SOUZA, Joana Batista. **Educação patrimonial: passados possíveis de se preservar em Caxias – MA**. – São Luís, 2016. Disponível em: <https://www.ppghist.uema.br/wp-content/uploads/2016/12/DISSERTA%C3%87%C3%83O-JOANA-.pdf>

SILVA, Iraní Ribeiro da; OLIVEIRA, Francisca Amujacy Silva; SILVA, Rosa Cristina Ribeiro da. **Patrimônio Histórico e Cultural no Ensino Fundamental II: Importância de Conhecer e Preservar**. Revista TCBrazil. - João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://storage.googleapis.com/production-hostgator-brasil-v1-0-8/078/784078/vE8uSb9p/b20927615bf742719289fb8b7859a81f?fileName=TCBrazil%20Edi%C3%A7%C3%A3o%20vol%201%20n%203%20de%202017.pdf>

Sobre a Balaiada:

MATHEUS, Yuri Givago Alhadef Sampaio. **A Guerra da Balaiada**. - São Luís, 2018. Disponível em: <https://www.ppghist.uema.br/wp-content/uploads/2016/12/Paradid%C3%A1tico-Yuri-vers%C3%A3o-p%C3%B3s-banca.pdf>

3.2.7 FOTOGRAFIAS E ILUSTRAÇÕES

As imagens foram dispostas no produto pedagógico de forma que o leitor conheça os espaços do museu escola Memorial e o circuito de visita, tornando possível o

entendimento das narrativas sobre a Balaiada e história local apresentadas e contribuindo para a elaboração do saber histórico.

Em sua maioria, as imagens são do fotografo caxiense Eduardo Sousa Santos (Eduardo Dudu), outras estão disponíveis na internet, a exemplo da Sala de Estar Caxiense do Século XIX, que atualmente se encontra desmontada, sem as peças expostas, dada a necessidade de reforma no espaço.

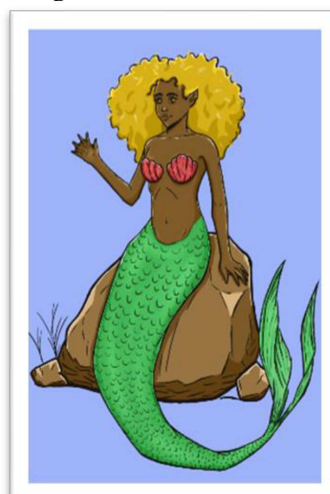
As ilustrações de Luan Nunes Soares, jovem caxiense, que criou, providencialmente, a imagem da personagem que denominamos Merci, que representa a Diretora do Memorial da Balaiada Profa. Mercilene Barbosa Torres, que também atende aos visitantes do museu como guia. Além de Mercy, foram criadas a Sereia Prisilina e a cena da Lenda do Senhor do Engenho.

Figura 8: Merci



Fonte: Ilustrador Luan Nunes Soares

Figura 9: Sereia Prisilina



Fonte: Ilustrador Luan Nunes Soares

Figura 10: Cena da lenda do Senhor do Engenho



Fonte: Ilustrador Luan Nunes Soares

3.2.4 SESSÕES DISPONÍVEIS NO GUIA

➤ **Indicações de Vídeos e sites**

O Guia Educativo Narrativas do Memorial, durante seu corpo, dispõe de indicações feitas pela personagem Merci, de vídeos e sites que tratam sobre a Balaiada, assim como a cidade de Caxias e sua história.

➤ **Sessão Fique Sabendo**

A personagem Merci também apresenta a sessão Fique Sabendo, com informações que colaboraram para o melhor entendimento dos temas abordados.

Figura 11: Fique sabendo



Fonte: Elaborada pela autora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre o saber histórico produzido não apenas no ambiente escolar, e o rompimento com a noção de tempo histórico entendido apenas linear e cronologicamente, pode nos permitir tornar relevante o estudo da história local na perspectiva de estabelecer relação entre o mais próximo e o mais distante, entre o regional, o nacional e o global. Sugere problematizar o cotidiano e buscar, no passado, entendimento a esses questionamentos, assim como o funcionamento da sociedade na qual estamos inseridos, o que poderíamos elencar como formação de identidade.

Eis o desafio, tornar significativo o ensino da história. A sistematização curricular da História no ambiente escolar associado a experiências e vivências nos espaços diversos e possíveis de contribuir para a construção do saber histórico e formação da consciência histórica que, segundo Jorn Rusen (2001), não se restringe a ideia de conhecer o passado através do estudo da História escolar, mas a capacidade de articular as experiências no tempo. Para Jorn Rusen, a consciência histórica vem a ser:

“[...] a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente sua vida prática no tempo” (RÜSEN, 2001, p. 57).

Desta forma, acionarmos processos que contribuam para a aprendizagem histórica, não apenas no espaço escolar, desafia-nos, enquanto professores, a lançarmos em novas perspectivas, afim de tornar o processo ensino e aprendizagem mais prazeroso e significativo.

Para Fonseca (2012, p. 107), o ensino se dá por múltiplos caminhos; logo, a produção de materiais didáticos, vinculada a realidades específicas de aprendizagem, deve ser apoiada e valorizada.

A pesquisa teve como objetivo principal a produção de um guia educativo, a partir da observação das experiências produzidas pelo Memorial da Balaiada e da problematização dos limites e potencialidades das narrativas históricas construídas para formação de consciências e identidades.

A partir das reflexões feitas no estudo sobre identidade, memória e consciência histórica e da discussão sobre ensino de história, história local, patrimônio e museus, foi possível adquirir subsídios necessários para a confecção de um produto voltado aprendizagem no âmbito da História.

A proposta, aqui apresentada, está relacionada a aprendizagem histórica acerca da Balaiada e da História de Caxias, através do Guia Educativo Narrativas do Memorial da Balaiada, produto didático-pedagógico construído a partir da pesquisa realizada por meio de estudo bibliográfico, consulta a documentos, legislação educacional e entrevista com atores institucionais do museu, quando foi possível conhecer o processo de formação e função da instituição, além de relacionar as possibilidades e alternativas de compreensão sobre a história local. As narrativas foram construídas a partir de bibliografia disponível sobre a Balaiada, dos artefatos encontrados nas escavações arqueológicas realizadas naquele espaço antes da construção do prédio e através das memórias de caxienses.

A construção do Guia Educativo objetivou atender ao público que visita o Memorial da Balaiada, dos quais se incluem estudantes e professores, que visitam o museu com o intuito de conhecerem sobre a Balaiada e temas da História de Caxias. No material, há uma parte dedicada aos professores com orientações sobre uma visita ao museu, enquanto atividade pedagógica e proposta de atividades, que são apontadas para professores de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, mas também podem ser aplicadas nos anos/séries da educação básica, por se tratar de temas da história local. A linguagem do produto pedagógico é simples e acessível, já que visa abranger um público amplo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Katia Maria. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Por que visitar museus. In: BITTENCOURT Circe. **O saber histórico na sala de aula**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

BARROS, José D' Assunção. **História e Memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço**. MOUSEION, vol. 3 n° 5, jan.-jul. /2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 17.jun.2020

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. **Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010**. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Ministério da Educação. Brasília: MEC/SEB/DICEI, 2010.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental 1º e 2º Ciclos – História**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental 3º e 4º Ciclos. – História**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRODBECK, Marta de Souza Lima. **Vivenciando a História – Metodologia de Ensino da História**. – Curitiba: Base Editorial, 2012.

CAIMI, Flávia Eloisa. **Base Nacional Comum Curricular. Parecer sobre o documento de História. 2015**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/relatorios-analiticos> Acesso em: 20 mai. 2019.

CARVALHO JÚNIOR, Francisco de Assis. **Mulheres de Carvalho**. - São. Luís: Café & Lápis, 2011.

COSTA, Artur Nogueira Santos e; VASCONCELOS, Regina Ilka Vieira. Ensino de História e Currículo: relações entre diretrizes, parâmetros, conteúdos e conhecimento histórico na sala de aula de escolas públicas do ensino fundamental. Uberlândia-mg (2000-2010). **História & Ensino**, Londrina, v. 19, n. 1, p. 119-142, jan./ jun. 2013.

COUTINHO, Milson. **Caxias das Aldeias Altas: subsídios para sua história**. – 2 ed. São Luís: Caxias: Prefeitura de Caxias, 2005.

FOCHESATTO, Cyanna Missaglia de. **A imagem do museu: Educação patrimonial na educação básica**. Aedos n. 11 vol. 4 - Set. 2012.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da História Ensinada**. Campinas, Papius, 1993.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática do ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas: Papius, 2012.

FRANÇA, L. Módulo II – **Função Social do Museu**. In: Curso de Museologia Social – Conceitos, Técnicas e Práticas. Campo Grande: Portal Educação e Sites Associados, 2009.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Museu Imperial IPHAN/MinC. Brasília, 1999.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____. **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994, p. 423-483.

MARQUES, Cezar Augusto. Dicionario Historico-geographico da Provincia do Maranhão. Maranhão: Typ. do Frias, 1870. p. 121 – 128. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221726>.

MATEUS, Yuri Givago Alhadeff Sampaio. **A Balaiada na sala de aula: ensino de História do Maranhão Imperial e a produção do paradidático “A Guerra da Balaiada”** / Yuri Givago Alhadeff Sampaio Matheus. – São Luís, 2018.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Revista Projeto História. São Paulo, p. 7-28 dez. 1993.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. **O tempo presente e os sentidos dos museus de história**. Revista História Hoje, v. 2, nº 4, p. 103 – 123, 2013.

PEREIRA, Junia Sales. **Aprendizagem do ensino de História em museus.** X JORNADAS NACIONALES Y I INTERNACIONAL DE ENSEÑANZA DE LA HISTORIA (APEHUN), 2008. Universidade Nacional de Río Cuarto, 2008. p. 1-12.

PEREIRA, Junia Sales; SIMAN, Lana Mara de Castro. **Educadores em zonas de fronteira - Limiars da relação museu-escola.** In: NASCIMENTO, Silvania Souza, FERRETI, Carla Santiago. (Org.) Cd room Museu e Escola. 1 ed. Belo Horizonte: Puc Minas/UFMG, 2009, v. 1 p. 1-15.

PEREIRA, Júnia Sales; SIMAN, Lana Mara de Castro; COSTA, Karina Martins; NASCIMENTO, Silvânia Sousa. **Escola e Museus: diálogos e práticas** - Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/Superintendência de Museus: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais Barra, 2007.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: 09 nov. 2019.

REIS, J. C. **Tempo, História e Compreensão Narrativa em Paul Ricoeur.** Locus: Revista de História, v. 12, n. 1, 11, 2006.

RÜSEN, J. **El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico: una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral.** *Revistas Propuesta Educativa*, Buenos Aires, Año 4, n 7, p. 27-36 oct. 1992. Tradução para o espanhol de Silvia Finocchio. Tradução para o português por Ana Claudia Urban e Flávia Vanessa Starcke. Revisão da tradução: Maria Auxiliadora Schmidt.

RÜSEN, J. **Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão.** *Práxis Educativa*. Ponta Grossa, PR. v. 1, n. 2, p. 07 – 16, jul.-dez. 2006.

RÜSEN, J. **Razão Histórica.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SANTOS, J. J. M. dos. **História do lugar: um método de ensino e pesquisa para as escolas de nível médio e fundamental.** *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 9, n. 01, 2002, p. 105-124.

SCHMIDT, M. **Jörn Rüsen e sua contribuição para a didática da história.** *Intelligere*, 3(2), 2017. p. 60–76. <https://doi.org/10.11606/issn.2447-9020.intelligere.2017.127291>

SCHMIDT, M. A formação do professor de história. In: BITTENCOURT, C. (Org.). **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 1998.

SCHMIDT, M. O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica. In: MONTEIRO, Ana M^a F. C. et alii. **Ensino de História: Sujeitos, saberes e práticas** – Rio de Janeiro: Mauad X / FAPERJ, 2007.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. **Ensinar História.** São Paulo: Scipione, 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. **A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de História.** Cad. Cedes, Campinas, Vol. 25, N. 67, P. 297-308, Set. /Dez. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

SEIXAS, Jacy Alves. **Percursos de memórias em terras de história: problemas atuais.** In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia. Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível Campinas: UNICAMP, 2004, p.37 a 58.

SILVA, Marco Antonio; PORTO, Amélia. **Nas trilhas do ensino de história: teoria e prática.** – Belo Horizonte: Rona, 2012.

SOUSA, G. A. A Cidade e o Museu: **Memorial da Balaiada e sua Importância para a Memória Histórica de Caxias (MA).** In: Salânia Maria Barbosa Melo; Joana Batista de Souza; Denise Cristina da S, C, Salazar. (Org.). Esquinas do Tempo e Narrativas de Caxias. E77ed.Teresina PI: Edufpi, 2017, v. 4, p. 191-222.

SOUZA, Joana Batista. **Educação patrimonial: passados possíveis de se preservar em Caxias - MA** / Joana Batista Souza. – São Luís, 2016.

SITES:

Cidades e Estados. IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/caxias.html> Acesso em: 01 de outubro de 2020.

Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Portal IPHAN. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_no_25_de_30_de_novembro_de_1937.pdf . Acesso em 26 de setembro de 2020.

196 anos da adesão do Maranhão à independência do Brasil: Caxias foi o último foco de resistência (por: Wybson Carvalho). Portal Noca. Disponível em: <https://www.noca.com.br/noticia/47371>. Acesso em: 01 de outubro de 2020.

Mirante da Balaiada (Caxias-MA). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Kc9_OxDgPO4. Acesso em 28 de junho de 2021.

ENTREVISTAS:

PIRES, Marília Colnago Coelho. Entrevista [10 de maio de 2021]. Caxias/MA, 2021. Entrevista concedida a Patrícia Silva Santos.

TORRES, Mercilene Barbosa. Entrevista [8 de julho de 2020]. Caxias/MA, 2020. Entrevista concedida a Patrícia Silva Santos.

TORRES, Mercilene Barbosa. Entrevista [12 de maio de 2021]. Caxias/MA, 2021. Entrevista concedida a Patrícia Silva Santos.

ANEXOS



PPGHIST
Programa de Pós-Graduação em História - UEMA

**ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO À DIREÇÃO E
MUSEÓLOGA DO MEMORIAL DA BALAIADA**

1. Nome: _____
2. Formação: _____
3. Tempo de exercício na área de formação: _____
4. Tempo na direção do Memorial da Balaiada: _____
5. O Memorial da Balaiada possui Plano Museológico? Se possui, qual as atribuições e a missão educativa desta instituição?
6. Quais os projetos e ações educativas desenvolvidas pelo Memorial da Balaiada?
7. Para você, qual a importância do Memorial da Balaiada no ensino da história local?
8. Os professores de História procuram o Memorial da Balaiada para estabelecer parcerias em projetos? Poderia exemplificar?
9. Que públicos costumam visitar frequentar o Memorial da Balaiada?
10. Como são conduzidas estas visitas?

ANEXO B – FOTOS DA VISITA GUIADA AO MEMORIAL DA BALAIADA – EM 12 DE MAIO DE 2021, CONDUZIDA PELA DIRETORA DA INSTITUIÇÃO PROF^ª. MERCILENE BARBOSA TORRES.





